Série

# Artigos

## Gilson Gil

Digitized by Google

# APRESENTAÇÃO

O site do Instituto Durango Duarte foi totalmente reformulado e, por isso, todos os textos já publicados por **Gilson Gil** em nossa plataforma foram reunidos numa coletânea, em formato de e-book, para que você possa acessar e ler os artigos em um único lugar, além de poder fazer o download gratuito do material.

Na "Série Artigos", você também poderá encontrar as compilações de outros articulistas, tais como Lúcio Menezes, José Carlos Sardinha, Cláudio Barboza, Otoni Mesquita, Hélio Dantas, Jeferson Garrafa Brasil, Amaury Veiga, Roberto Caminha Filho, Henrique Pecinatto, Jorge Alvaro, Júlio Silva e Kátia Couto.

Essas coletâneas serão atualizadas semestralmente com os novos artigos que forem produzidos.

Digitized by Google

Série Artigos

# Gilson Gil

Carioca, nascido em Madureira e criado no Catete. Sociólogo e professor da UFAM, já trabalhou em várias instituições de ensino no Amazonas e em outros Estados. É torcedor do Flamengo, está em Manaus desde 1992 e possui uma filha meio carioca, meio manauara. Torce pela cidade e pelas pessoas que aqui vivem.

Digitized by Google

## ONDE ANDAR EM MANAUS?

Publicado em 13 de maio de 2016.

Um dos espetáculos que mais fascinava os escritores do século XIX, em plena efervescência da modernidade industrial, eram as multidões. Pensadores como Edgar Allan Poe, Victor Hugo, Emile Zola, Charles Baudelaire ou Walter Benjamin dedicaram muitas páginas de suas obras para falar do homem das multidões ou do hábito de "flanar" pelas ruas das grandes cidades.

Assinalei isso para falar de Manaus e uma de suas ausências: as pessoas que passeiam por suas ruas. Excetuando-se o Centro, que concentra inúmeros bancos, terminais de ônibus, lojas de atacado e varejo, entre outros tipos de serviços, e atrai grande fluxo de pedestres, os bairros de Manaus apresentam um espetáculo grandioso de vacuidade humana.

Bairros como Vieiralves, Adrianópolis ou mesmo o Parque Dez, com a honrosa exceção de sua rua comercial, não possuem viva alma caminhando (flanando, no linguajar baudelairiano). O mesmo cenário se apresenta em bairros centrais e urbanizados, como Dom Pedro, Alvorada e Chapada, com áreas residenciais consolidadas. As ruas comerciais, com seu varejo – informal, na grande maioria das vezes – ainda conseguem atrair transeuntes no horário comercial. Porém, as ruas residenciais mostram-se totalmente vazias de pedestres, desoladas em qualquer horário do dia ou noite.



Digitized by Google

Isso é estranho se compararmos com outras cidades grandes. Poderia falar do Rio, com bairros como Botafogo ou Copacabana, repletos de pessoas nas ruas 24 horas por dia. Mas fiquemos pelo exemplo nortista, que nos é mais próximo, e falemos de Belém, com as ruas apinhadas de pedestre em Nazaré, Batista Campos ou Umarizal.

As razões podem ser variadas. As calçadas são estreitas, a cidade cresceu horizontalmente em ritmo acelerado, o clima é extremamente sofrível – quente e úmido – a violência urbana se banalizou, enfim, são muitas as possíveis origens desse fenômeno. A falta de modais diversificados de transporte e a concentração de pessoas nos ônibus e carros também pode induzir a isso. Outro fato relativamente recente pode ter ajudado nisso: a construção de conjuntos e condomínios isolados e rodeados de muros e seguranças. A vida das pessoas se concentrou em seus condomínios, cada vez mais isolados, com suas academias, bares e churrasqueiras. O medo de ir às ruas faz com que enormes contingentes busquem viver a parte da cidade em geral.

Por outro lado, a inexistência de cuidados com as ruas e calçadas, problema que é dos governantes, mas também da sociedade, afasta as crianças, idosos, estudantes e mulheres de seus espaços comuns. Somente pessoas com obrigações profissionais severas andam pelas nossas ruas e vivenciam esses espaços. Retomando a comparação com Belém, Manaus não possui, em seus bairros mais populosos e "badalados", uma árvore, um jardim ou área comum de lazer que justifique a existência de pessoas andando e trocando ideias e experiências, em grande contraste com sua vizinha amazônica.



Digitized by Google

São reflexões dispersas e pessoais estas. Porém, elas apontam para a necessidade de Manaus repensar seu modelo urbanístico, se é que existe algum ou alguma pretensão a possuir um, e seus vetores de desenvolvimento. Possuir ruas agradáveis, onde as pessoas caminhem livremente e possam se distrair sem constrangimentos ou sofrimentos, penso que deveria ser um objetivo de todos. E não creio que isso se limite a um plano de governo ou a propostas de candidatos. Deveria ser uma meta de todos os habitantes da cidade contribuir para sua qualidade de vida aumentar. Ruas infestadas de vendedores informais, cafés e ambulantes não são um ideal de urbe próspera e civilizada. A rua deve ser propícia para os moradores andarem, relaxarem, trocarem e se verem.

Seja pelos muros dos condomínios, pelas calçadas sofríveis e desprezadas ou pelo padrão de convívio que adotamos nos anos recentes, o certo é que a vida em Manaus poderia melhorar muito, caso suas ruas fossem mais humanizadas e socializadoras. Cidadania, qualidade de vida e democracia são palavras vazias, se não tomarem corpo e se tornarem um objetivo de todos os cidadãos. Viver numa cidade não é só trabalhar, voltar para casa e fazer um infalível churrasco aos domingos. É aproveitar seus limites e explorar suas potencialidades. O que, infelizmente, as ruas de Manaus não nos permitem atualmente.



Digitized by Google

## UM PASSEIO POR MANAUS

Publicado em 02 de junho de 2016.

Em outro artigo falei sobre o vazio humano nos bairros de Manaus. Falei da falta de pessoas andando pelas ruas da cidade. Fiz uma honrosa exceção: o Centro. Contudo, um simples passeio pelo Centro, em especial a área da Matriz, torna mais complexa tal afirmativa.

Como pensar em uma Manaus turística, se o Centro histórico, referência para o turista, nas grandes metrópoles ocidentais, é um amontoado de contêineres, sem uma paisagem ou segurança? Imagino o turista que desembarca no porto, vindo de um cruzeiro. Ele se depara com um espetáculo grotesco de caixas de metal empilhadas e uma desorganização extrema, com um terminal de ônibus confuso e ruas sujas que o espantam de saída. A solução é pegar, rapidamente, uma van e ir ao Teatro Amazonas, fazer uma visitação e voltar, talvez rodando mais um pouco por algumas ruas do Centro.

Falta o conforto e a infraestrutura que o deixem aproveitar a cidade e se sinta à vontade para passear e consumir sem receios. Nem uma volta pela Arena é interessante, pois ela fica trancada o dia todo, sem possuir uma loja, um bar ou restaurante que possa acolher o intrépido turista.

Enfim, são reflexões que possuem por objetivo melhorar nossa cidade, especialmente o Centro. É hora de se rever o porto, os contêineres e o fluxo de trânsito na região. É o momento de recuperarmos a visão do rio, de salvarmos


Digitized by Google

a orla e a desfrutarmos na integralidade. Não adianta se alardear que Manaus é a porta da Amazônia, se nem o rio conseguimos ver da Matriz nem podemos andar em sua orla. Pensar o Centro é pensar o turismo, o emprego e a geração de renda. Além disso, é também resgatar uma área importante da cidade, revitalizar esse setor e criar novas oportunidades de lazer e trabalho.

Muita gente se lembra com saudade dos tempos do comércio nas ruas da zona franca, principalmente nos anos 80. Foram tempos de bonança, mas que custaram caro para o lazer e a qualidade de vida do cidadão. Experiências como o Porto Maravilha (RJ) ou a Estação das Docas (PA) mostram que é possível reorganizar o espaço urbano e dar-lhe novo sentido. Não precisamos nos acomodar ao fatalismo do "sempre será" assim. É viável mexer em interesses e situações cristalizadas. Os modelos de "cidades inovadoras" estão aí mesmo para aprendermos. As cidades modernas que crescem e apresentam altos índices de satisfação são aquelas que priorizam a inovação, a inteligência e o planejamento. E de uma forma que o patrimônio histórico, arqueológico e ambiental atue em conjunto, como aliado, e não como obstáculo. É esperar, trabalhar e ver.



Digitized by Google

## CARTÃO POSTAL

Publicado em 13 de julho de 2016.

Sempre pensando no ponto de vista do turista que caminha pela cidade de Manaus, tentando aproveitar ao máximo as belezas do município, há um local que oferece uma excelente fotografia ou selfie, típica de cartão postal, sem ser o já consagrado Teatro Amazonas – a Arena da Amazônia.

Uma selfie belíssima pode ser tirada da rua Constantino Nery. Se o caminhante for mais inovador, ainda pode pegar um bom ângulo e captar os aros olímpicos, de quebra.

Entretanto, a Arena, infelizmente, é isso, apenas: um cartão postal (sei que os mais jovens nem sabem o que é isso. Recomendo consultarem o "professor" Google). A foto só pode ser tirada da rua, pois uma cerca impede o acesso às suas dependências. Se o turista estiver acostumado a frequentar estádios modernos pelo mundo, como o Nou Camp ou o Santiago Bernabeu, provavelmente irá querer tomar uma cerveja, comprar uma camisa dos clubes locais ou assistir a um show ou devorar uma peixada. Porém, em nossa Arena, voltará sem realizar tal desejo. Não há uma loja, um restaurante, uma peixaria, uma boite, uma loja de material esportivo ou qualquer tipo de visitação guiada que permita ao animado turista gastar seu dinheiro por aqui e não nos cofres de Barcelona ou Real Madrid.



Digitized by Google

E que não digam que aqui é diferente da Europa. O Monumental de Nunez, em Buenos Aires, ou o Pacaembu, em São Paulo, possuem visitas agendadas, lojas, restaurantes, bares e museus que rendem muito dinheiro e geram centenas de empregos. O próprio Centenário, em Montevidéu, e o Mário Filho (Maracanã), estádios antigos, que foram reformados recentemente, possuem seus museus, lojas e visitações pagas (bem pagas, por sinal).

Enfim, em um momento tão sem recursos, no qual os governos buscam fórmulas criativas para equilibrar suas contas, Manaus possui um tesouro em plena Constantino Nery, sua Arena, mas não o explora, deixando-o fechado e imobilizado. Sei que podem falar dos shows que lá podem ser realizados, mas isso não é nada especial. Lembremos que o velho Maracanã assistiu shows de Frank Sinatra e Madonna, sem precisar levar o nome de Arena. E isso sem falar do desperdício de espaço no entorno. A Arena possui uma ampla área ao redor que fica parada, sem ocupação, cercada pela sua grade de cartão postal.

Finalizo dizendo que pensar a cidade é refletir também por suas lacunas e possibilidades. A Arena é uma lacuna. Ela é um vazio em Manaus. Um vazio de empregos, de renda e de vida. Um espaço imenso de uma das principais vias urbanas fica imobilizado, com cercas e concreto. Quando falo em ocupar as ruas, preencher de vitalidade nossas avenidas e praças, ocupando de fato a cidade, estou pensando em evitar tais hiatos urbanos. A Arena é uma realidade. É um lindo cartão postal, é fato. Porém, é somente isso, infelizmente. Revitalizar a cidade é dar vida aos seus espaços e evitar a desagregação e a criação de desertos nas ruas. Revitalizar essa área é uma tarefa urgente e necessária, a fim de


Digitized by Google

manter viva a cidade, incluindo seus habitantes e visitantes. Se a Arena (e seu entorno, incluindo os outros prédios públicos ao redor) é hoje um vazio, ela é também uma possibilidade. Basta criatividade, coragem e vontade. Sei que não é simples, mas, enfim, as oportunidades estão aí para isso, para as realizarmos e concretizarmos.



Digitized by Google

## O QUE ESPERAR?

Publicado em 31 de agosto de 2016.

O Tempo de eleição é também um tempo de esperança. Para mim, hoje, não importam os partidos ou os nomes. Não quero nem saber das brigas, alianças ou rupturas que se insinuam pelos jornais e redes sociais. Prefiro pensar em quais questões os candidatos ao Executivo e ao Legislativo municipal irão priorizar, quando pensarem sobre Manaus.

Primeiramente, creio que é um momento adequado para se pensar o que é Manaus e o que se espera dela. Planejar por planejar não conduz a lugar algum. É comum falarem em "porta da Amazônia" ou "cidade que nos encanta", entre outras frases e slogans. Porém, o que esperar de Manaus? O que desejamos dela? O que pretendemos que ela seja? Qualquer planejamento (palavra perigosa e encantadora) que se realize terá de levar tais considerações valorativas, políticas e subjetivas em conta. Desejamos que seja uma cidade industrial (uma Detroit da floresta?!)? Uma cidade da natureza, com ênfase na preservação ambiental? Uma cidade turística, preparada para receber milhares de visitantes por mês? Uma cidade histórica, com seu centro e principais bairros preservados e revitalizados? Uma cidade de praia e lazer, com inúmeras opções para todos os habitantes e turistas? Enfim, qual o modelo de cidade que pretendemos para Manaus? Penso ser esta a pregunta primeira, aquela que todas as forças políticas precisam responder, antes de elaborarem mirabolantes projetos de governo.

A própria educação e as políticas urbanas precisarão se basear nessas res-



Digitized by Google

postas. Manaus cresce sem rumo, sem uma reflexão sobre seu papel na federação ou na Amazônia. Vive por viver, meio que pela inércia. Certamente que as pessoas comuns precisam sobreviver e levam suas vidas com dignidade e honra. Porém, penso que os postulantes a líderes regionais devem subir um degrau na escada e refletir sobre questões mais profundas.

É sempre bom pensarmos qual o sentido do Distrito Industrial. Ele deve ser eternizado? Manaus é isso – uma cidade industrial? Será que há opções viáveis? E em que prazo, caso elas existam? São temas que precisam aflorar com maior visibilidade. Logicamente que uma campanha precisa debater temas como emprego, postos de saúde e transporte coletivo. Contudo, um passo além precisa ser dado. Planejar quantas creches ou quantas paradas de ônibus haverá em um bairro é algo técnico e existem pessoas com saber apropriado a isso nas inúmeras secretarias. O que espero de um debate político são rumos, valores, perspectivas e utopias.

É hora de irmos além e refletirmos sobre nossas bases, nosso solo e nossos anseios. O que esperar de Manaus? Eis a questão.



Digitized by Google

## QUEM ME REPRESENTA?

Publicado em 27 de outubro de 2016.

Um dos impasses das democracias atuais está no sentimento de representatividade que o eleito possui junto ao eleitor. A legitimidade de suas falas, ações e posicionamentos passa por sua representatividade. Porém, eis um problema: em uma cidade com mais de um milhão e duzentos mil eleitores, o que faz um vereador eleito com cerca de dois mil votos?!

De onde fala um vereador com dois mil votos em uma cidade com mais de dois milhões de habitantes e mais de um milhão de eleitores? Que segmento ele representa? Que bairro ele representa? Qual a zona da cidade que ele representa? Em uma zona eleitoral com mais de cem mil eleitores, como a 32ª, o que significa um vereador com dois mil votos?!

Não vou defender votos distritais, proporcionais ou mistos. Quero apenas mostrar, com o exemplo de Manaus, a complexidade desse dilema. Elegemos representantes com dois mil votos. Isso dá cerca de 0,0016% do eleitorado. O que exigir dessa pessoa? A quem ele deve se reportar diante de votações mais divididas? No senso comum, se diria que ele deveria "ouvir seus eleitores". Contudo, como ouvir 0,0016%?

Quando um vereador possui uma votação localizada espacialmente, ainda se pode "argumentar" que ele "representa" aquela localidade. Entretanto, e aqueles que possuem uma votação espalhada? Como "ouvir" eleitores distribuídos por todas as zonas?



Digitized by Google

Na prática, já sabemos como vai se movimentar a Câmara: uns ficarão do lado do prefeito (seja quem for) e outros, contra. Os que forem do "a favor" arranjarão argumentos para isso, votarão em tudo que for apresentado e tentarão mostrar 'as suas supostas bases que isso "foi para melhor". Os oposicionistas dirão que não puderam fazer nada, que tudo que propuseram foi negado e que foram "massacrados" pela bancada do governo. Os quatro anos se passarão e, na próxima eleição, todos voltarão aos bairros pedindo votos e "mostrando" seus trabalhos ou "justificando" os insucessos.

O que tudo isso significa para o morador de Manaus? Nada. A vida segue sua rotina, os eleitos ganham seus salários, nomeiam seus assessores e a normalidade prevalece. Um antigo comercial de uma companha de mudanças dizia: "o mundo gira e a Lusitana roda". Algo de estranho ronda nossa democracia. O espectro da falta de sentido nas representações é real. O que importa votar em alguém que nem sabemos quem é ou que nunca ouvimos falar?! No máximo, estaremos dando um bom emprego a um desconhecido por quatro anos. Quando vemos a cidade feia, suja e desorganizada, esquecemos que votamos nos líderes e representantes que irão dirigi-la. É só uma reflexão, mas que precisa ser levada em conta, nesse período de balança pós-eleitoral.



Digitized by Google

## A CIDADE E SEUS PROBLEMAS

Publicado em 24 de novembro de 2016.

A cidade e seus problemas – As crises econômicas graves produzem efeitos nocivos à vida em comum. Vemos como Porto Alegre está sendo dominada pela criminalidade e como o Rio de Janeiro está sofrendo com os ajustes na máquina pública. Porém, são cidades que possuem potencial para crescer, dar a volta por cima. Têm ruas decentes, atrações turísticas, calçadas construídas e uma vida pujante nos bairros. Infelizmente, será que Manaus possui tal potencial?

A criminalidade avança de forma espantosa. Andar de ônibus virou uma aventura nada salutar. Ficar nas paradas é uma demonstração de coragem. Quando motociclistas passam pelas ruas ou emparelham com os carros, o pânico se instala nos cidadãos. Bares, postos de gasolina, barbearias e lojas de conveniência resistem mais por teimosia, batendo recordes de assaltos nas estatísticas oficiais. A crise gerou isso? E o que dizer das ruas?! Calçadas inexistentes, pessoas tendo de andar pelo meio da rua e buracos em profusão. E a mobilidade? Os engarrafamentos viraram rotina. Mototaxistas, alternativos, ônibus normais e de rota, táxis, carros, triciclos e demais modais se confundem pelas malconservadas ruas. As faixas coloridas não mostraram a que vieram, mostrando serem mais paliativos do que soluções. Os tais BRT e monotrilho parecem santos de procissão, vivem de promessas. Isso é a crise?!

Enfim, falo de potencial ao dizer que as cidades precisam ter recursos, humanos e físicos, para se reerguer. É duro olhar e ver que Manaus possui sérios



Digitized by Google

entraves. Certamente que o Polo Industrial é um recurso excelente e que sua arrecadação pode crescer a qualquer momento e o Amazonas voltar a encher os cofres rapidamente. Porém, e as ideias? Até que ponto essa crise está nos ensinando algo?! Os debates sobre o modelo econômico estadual e municipal inexistem. O ponto da discussão não é debater "cortes", mas "reordenar" a máquina estatal. Rever o papel do Estado, suas atribuições, limites e possibilidades, é a tarefa do momento. As ruas, a mobilidade, a criminalidade, entre outros itens dessa agenda negativa de nossa atualidade, são um horizonte ruim no qual esse debate mais amplo deveria se estabelecer.

Onde estão as opções econômicas? O que estamos fazendo do centro histórico? E o turismo, sempre tão falado, mas pouco realizado? E o que fazer quando a crise amenizar? Voltar a viver somente do Polo Industrial, como sempre se fez? Fingir que os problemas atuais não existiram e que é só construir mais "200" creches, "300" escolas ou "100" postos de saúde e tudo bem?!

Parece que as crises ensinam pouco a quem não quer ouvir. Receio que voltemos, pouco a pouco, a viver apenas do velho Polo Industrial, fingindo que está tudo certo, indo em frente e que nada aconteceu. Construir mais umas centenas de prédios públicos, doar mais umas bolsas, pacotes de leite e criar umas cotas bastarão para jogar os problemas de Manaus para baixo do tapete?! Parece que sim... A gravidade do momento não inspira alternativas criativas. Nem a elite dirigente nem os movimentos populares parecem sugerir algo inovador. O costume de viver da Zona Franca é realmente muito forte. As ruas, o trânsito, os buracos e os crimes talvez, milagrosamente, acabem quando a crise enfraquecer e o Polo voltar a prosperar. Enfim, é o eterno retorno do mesmo.



Digitized by Google

## UM PASSEIO DE NATAL

Publicado em 23 de dezembro de 2016.

Confiante no dito popular de que os bairros teriam produtos natalinos mais "em conta" e verificando a confusão nos shoppings, fui atrás de presentes e adereços nessas localidades "populares". Escolhi o bairro da Alvorada, pois possui ruas comerciais e muitas lojas, com grande variedade de produtos dos mais diversos tipos e valores.

Foi uma das mais infelizes ideias que tive nos últimos tempos. Além da questão dos preços, uns altos, outros similares aos dos shoppings, senti na pele o que é andar em um bairro populoso e rodar por várias de suas ruas.

As calçadas praticamente inexistem. Quando havia, coisa rara, era irregulares no tamanho e altura. Os lojistas, invariavelmente, colocam suas mercadorias na rua, desrespeitando qualquer tipo de postura municipal. Tanto faz o tamanho do empreendimento, desde pequenas lojas até as grandes lojas de departamentos, todas ocupam livremente as calçadas. É uma verdadeira lei "do mais forte". Os ambulantes que lidam com comidas oferecem suas mercadorias abertamente, sem qualquer tipo de cuidado com a higiene. O lixo se acumula livremente, sem obstáculos ou pudores.

Percorri as ruas do comércio em suas diferentes etapas. Cada quarteirão é pior do que outro, do ponto de vista do cidadão. Alguns restaurantes limpavam suas mesas, fogões e grelhas nas calçadas, sujando tudo e acumulando moscas e baratas de forma aberta e sem empecilhos.



Digitized by Google

Foi um passeio chocante e triste. É triste ver que uma população faça isso com sua cidade. Não adianta cobrar dos governantes mais lixeiros ou médicos, se o povo suja as ruas, alastra doenças, joga lixo nas calçadas e oferece comida ao ar livre sem preocupações. É enxugar gelo. O poder público é culpado? Sim. Culpado por não fiscalizar, não multar, não apreender e não proibir. Há uma respeitosa e cúmplice omissão, que colabora para esse cenário de devastação e barbárie.

Isso nos leva a refletir sobre o que significa "amar" sua cidade. Não adianta reclamar quando uma habitante de outra estado critica Manaus ou fala de seus defeitos. Isso é apenas posse ou, no máximo, ressentimento. Amar, de verdade, é cuidar, vigiar, zelar e se preocupar. O que vi nesse simples passeio foi aterrador e serviu para que repensasse várias ideias que tinha sobre os habitantes, seus hábitos e sentimentos.

É muito difícil pensar uma cidade dessa forma. Em primeiro lugar, temos de gostar de nossas ruas, calçadas e pessoas. Sem pensar que o lixo traz doenças, que as mercadorias nas ruas dificultam idosos, cadeirantes e crianças e que essa desordem só acentua o clima de insegurança reinante, nada mais se tem a fazer. Os governos parecem ser cúmplices, pois fingem não ver essa selva urbana e se dedicam a paliativos respeitosos, sem enfrentar ou admitir tal situação calamitosa. Enfim, preferem contratar mais médicos e lixeiros e abrir mais postos de saúde do que prevenir e realmente zelar pela cidade em que todos vivemos. É algo a refletir: até aonde vai nosso sentimento pela cidade em que levamos nossas vidas e de nossas famílias?

Feliz Natal.



Digitized by Google

## SENSAÇÃO DE PERIGO

Publicado em 25 de janeiro de 2017.

Há algum tempo que venho escrevendo sobre a situação ruim das ruas, calçadas e avenidas de Manaus. Indo além, venho falando que está difícil morar nessa cidade. Violência, informalidade extrema, sujeira, buracos, alagações e trânsito caótico são alguns dos problemas que assolam os bravos moradores, que, algumas vezes, são cúmplices ativos desse estado de coisas.

Contudo, o que é ruim pode piorar. Para celebrar o ano novo, o sistema penitenciário implodiu de forma retumbante. Fugas, extermínio e rebeliões marcaram janeiro em Manaus. A vida noturna, que já estava assolada pela crise, caiu vertiginosamente, pelo medo de assaltos. As pessoas andam apavoradas pelas ruas, ameaçando correr ao primeiro grito de "arrastão". Confusões e boatos se misturam o tempo todo. Os números sobre foragidos oscilam, nas contas oficiais e nos rumores que circulam entre os moradores. Gestores caem, outros permanecem e a situação de balbúrdia continua firme consolidada.

Cerca de vinte e cinco dias depois do fato principal, a guerra/extermínio entre facções no presídio, o balanço é péssimo. Presos ficaram rodando entre cadeias e cidades, sem pouso definido. As denúncias de corrupção abundam e ameaçam mais gestores. O controle total sobre as penitenciárias – fato que deveria ser óbvio – ainda é contestado por vários relatos na imprensa.



Digitized by Google

A sensação de perigo e descontrole se generalizou, enfim. Para piorar, pois nada é tão ruim o bastante, aparece uma greve de ônibus e complica mais ainda o cotidiano do morador.

Em resumo, o ano de 2017 começou muito mal para os habitantes de Manaus. Se já era ruim andar pelas ruas, agora, ficou perigoso de fato. E isso se potencializa por vermos que os governantes se encontram "perdidos", sem ter uma ideia do que realizar. Anos e anos de negligência se acumularam e caem sobre os ombros do cidadão. Como perambular pelas ruas tranquilamente? Como atrair turistas para esse caldeirão que virou Manaus? O que oferecer ao viajante? O que falar aos habitantes locais?

Finalizo dizendo que, pelos indícios, será um ano duro, sofrido e longo, muito longo, para todos nós, moradores de Manaus.



Digitized by Google

## DESÂNIMO

Publicado em 27 de fevereiro de 2017.

Desânimo, outro dia, estava de carro pelo Planalto, na antiga rua Goiânia, e vi algo espantoso: um restaurante popular, daqueles que servem o frango "tv de cachorro", usou a alameda pública para assar o seu churrasco no método "fogo de chão", no qual a brasa é feita no solo e as carnes espetadas. Tudo maravilhoso, caso fosse dentro do recinto. Contudo, era feito no meio da rua, em um buraco escavado em área pública, com carros e coletivos passando, jogando fumaça livremente, talvez numa técnica de defumação dos assados. Meu espanto foi pela ousadia de se fazer isso à luz do dia, sem receios de punição ou repreensão. E não ficou nisso. Mais adiante, já no Conjunto Versalhes, uma praça pública tinha sido remodelada como uma academia e havia uma aula de crossfit. No entanto, não era um projeto de academia popular, pública, ou coisa similar. Era uma academia privada, que reformou a praça conforme seus interesses e dava ali suas aulas. É chocante que os moradores, conforme indaguei, aprovavam isso, pois a praça estava tão sucateada que eles preferiam ela "privatizada" do que "abandonada".

Isso é só uma pequena dose do que se vê na cidade de Manaus, no primeiro bimestre de 2017. Pode ser que daqui a alguns meses tudo se reverta e a cidade progrida, superando outras capitais do Brasil e do mundo, nos mais diversos setores. Porém, só posso falar do hoje, sem fazer previsões.



Digitized by Google

Nessa linha, tudo pode mesmo piorar. O que se assiste na questão do transporte coletivo é desanimador. Aumento de preço da tarifa, greve dos rodoviários, empresários recolhendo os veículos, ratos filmados, incêndios terroristas, prefeitura e governo retirando os subsídios e se acusando, enfim, o pior dos mundos possíveis.

Desanima ver como a prefeitura perdeu o controle sobre o sistema. A ausência completa de opções de modais inviabiliza qualquer tipo de solução criativa ou emergencial. Já vi políticos falando no BRT como sendo a solução. Entretanto, já são quase 5 anos sem que um passo tenha sido dado nesse caminho. Agora, depois de visitas a outros países, as entrevistas foram reticentes e nada conclusivas. Audiências públicas ainda estão sendo feitas, sem cronogramas ou perspectivas viáveis. Quem conhece a burocracia estatal para esse tipo de obra grandiosa sabe que, mesmo com tudo a favor – dinheiro, licenças, contratos, indenizações etc. – o BRT propriamente dito não começaria em menos de uns dois anos. Ou seja, não é ele que solucionará nosso sistema no curto e médio prazo.

Finalizando, podemos dizer que é preciso se olhar com responsabilidade e segurança a situação da cidade. A insegurança pública é assustadora. Podemos dizer que há verdadeiros ataques "terroristas" aos nossos coletivos. Quais os limites e o alcance de tais atos?! Difícil dizer. Além disso, rodoviários e empresários criaram um "governo paralelo", que atemoriza a população com seus desígnios. Quem paga o pato, ou a tarifa, é o morador que sai da faculdade ou do trabalho às 10h e fica no meio da rua, sem ter como voltar para sua casa. Realmente, tudo pode piorar...



Digitized by Google

## OUSADIA URBANA

Publicado em 29 de março de 2017.

É muito chato ficar apenas reclamando, sem fornecer opções reais aos leitores. Não gosto de quem fica no popular "mimimi", evitando dizer quais seriam os caminhos para resolver os problemas reais.

Falei muito, em artigos anteriores, sobre as ruas, a confusão e a informalidade anárquica e violenta que impera em Manaus. Porém, precisamos adiantar alguns eixos sobre os quais edificar certas opiniões e teses.

Em primeiro lugar, começando pelas ruas caóticas e os engarrafamentos absurdos, posso arriscar que o ponto chave, raciocinando realisticamente, é ter ousadia e paciência. Ousadia, pois, sem mudar paradigmas, não será possível melhorar a vida da cidade. Colocar recuos, retornos ou sinais novos não e'o bastante. Isso está claro. Adicionar mais veículos, com duas ou três carrocerias, mesmo em faixas exclusivas, parece pouco, pois as vias são iguais e levam aos mesmos locais de antes. O BRT vai atuar em apenas uma zona da cidade, nas faixas de sempre e precisará de alimentadores e distribuidores que façam o sistema funcionar. Isso vem desde o falecido expresso e já mostrou severas limitações reais.

Temos de pensar de maneira ousada. Criar viadutos e passagens de desnível. Há gargalos, como na Djalma com João Valério e na Paraíba com André Araújo que são crônicos. A rotatória do Coroado precisa de um trevo, que distribua o tráfego uniformemente. Da mesma forma, negociações complicadas


Digitized by Google

com a UFAM e o exército poderiam ser feitas, a fim de serem pensadas entradas novas para o campus e uma via na orla da Ponta Negra, que ligasse a zona oeste ao centro. Seriam opções para desafogar Japiim, Coroado e São José, além de agilizar a circulação entre as zonas norte, oeste e sul. As licenças e permissões são muito difíceis de serem obtidas. Contudo, sem projetos ou articulações, é que isso será impossível mesmo.

A paciência entra aqui. Obter licenças ambientais e arqueológicas é um capítulo em separado nas obras urbanas ou rurais. Projetos bem executados e planejados com rigor são necessários ao extremo. Empresas profissionais, com especialização nesses setores, precisam ser licitadas e contratadas com tempo bastante para enfrentar esse duelo.

Sem tal alteração de paradigma, de visão de mundo, iremos chover no molhado. Ideias como BRT ou monotrilho, caso sejam nas mesmas ruas atuais, apenas restringindo vias ou faixas, será trocar seis por meia dúzia. Caso não consigamos pensar corajosamente, abrindo novas vias, construindo "obras de arte", mudando a paisagem urbana, estaremos apenas empurrando o problema. Por outro lado, só coragem não basta. A paciência e o realismo são vitais. As licenças serão demoradas e complexas. Isso tudo sem falar nas indenizações. Casas, lojas e terrenos no meio do caminho dessas novas vias precisarão ser avaliadas e os donos, indenizados. Os recursos serão elevados e algumas contestações surgirão. É preciso que os projetos e termos de referência estejam adequados e ajustados.



Digitized by Google

Enfim, esse foi o começo de pensar artigos com positividade, sem críticas apenas. Mais tarde, voltaremos a mais temas concretos e opções urbanas viáveis.



Digitized by Google

## PACIÊNCIA - PROMESSAS ELEITORAIS

Publicado em 16 de maio de 2017.

Semana passada, reli o livro do ex-prefeito de Curitiba Jaime Lerner Acupuntura Urbana. É um livro interessante, no qual ele conta casos "vitoriosos" de suas gestões à frente da cidade paranaense. Ele narra vários exemplos de obras que fez rapidamente e de maneira simplificada. Contudo, são casos dos anos 70 e 80. Ele se vangloria de ter feito uma rua para pedestres em 48 horas apenas. Acha que foi um feito notável ter ordenado aos secretários que fizessem tudo em um final de semana.

É válido ler tais casos, porém, eles não se aplicam à realidade brasileira de hoje. Como falei em outro artigo, há inúmeras licenças e anuências que um governante precisa ter para fazer obras públicas que são fundamentais. Todas elas possuem prazos e requisitos que não podem ser ultrapassados. Caso haja populações envolvidas nesses licenciamentos, os prazos aumentam, assim como os requisitos. Isso tudo sem falar nas audiências públicas, indenizações e desapropriações. Se uma dessas comunidades afetadas for rotulada de "tradicional", entram em cena tratados internacionais e as exigências triplicam, tornando quase inviável a obra.

Em suma, fazer uma obra de certo potencial, que envolva remoções, desapropriações e deslocamentos de comunidades, é muito difícil, trabalhoso e demorado. É irreal um gestor afirmar que, hoje em dia, fará uma "rua em 48h". Não há acupuntura ou alopatia urbana que consiga superar os marcos regulatórios



Digitized by Google

vigentes no Brasil. Certamente que a proteção a certos direitos é algo positivo. Cuidar de comunidades vulneráveis é um tema muito generoso e moderno. Minha preocupação é que a tentação de se fazer promessas inviáveis está sempre rondando a cabeça de candidatos, atuais ou futuros. Afirmam que farão certas obras "redentoras" e que solucionarão dilemas urbanos com rapidez e criatividade, menosprezando esses impasses.

Atualmente, pensar uma cidade como Manaus significa, além das habituais propostas de reforma urbana, pensar também sobre os dilemas e obstáculos inevitáveis que ocorrerão. Sem cálculos detalhados sobre arqueologia, compensações, indenizações, audiências e eventuais planos de manejo e ajuda de custo, é irreal alguém dizer que "irá mudar a cidade". Acima de tudo, é preciso paciência e responsabilidade nessas horas. Querer pular etapas, omitir problemas ou descuidar de prazos e exigências legais e contratuais é colocar em risco o projeto de governo e ficar fadado ao fracasso.

Acho importante colocar tais pontos, pois muitas promessas são feitas em épocas eleitorais, especialmente em uma cidade como Manaus, desordenada, confusa e extremamente informalizada, na qual sempre há demandas por reformas e revitalizações a serem feitas. Mexer no Centro, por exemplo, é algo que merece muito cuidado e paciência. Não é simples revitalizar pedaço tão grande e povoado de uma capital. Sem colocar na conta dos custos esse tipo de requisitos legais, um gestor apenas irá fazer mudanças superficiais e sempre se arriscando a levar processos, liminares e inquéritos, deixando os projetos inacabados e sem data definida a serem executados e inaugurados.



Digitized by Google

## ELEIÇÃO

Publicado em 06 de junho de 2017.

Estamos a pouco mais de sessenta dias de uma eleição direta para o governo estadual e quase nada se fala ou comenta sobre isso. Os meios de comunicação tratam o tema como algo exótico, as universidades respeitosamente estão em silêncio e a opinião pública em geral guarda um distanciamento olímpico dessa questão.

É interessante ver como os próprios candidatos ou supostos, ou pré, pois não houve as convenções, também estão silenciosos sobre isso. Eles se lançam como se houvesse um prêmio ou fosse apenas uma aventura para descolados, algo como um Triple x, personagem do ator Vin Diesel. Ninguém menciona um plano, uma ideia ou projeto para o estado. Não há uma proposta, a mais genérica que seja, sobre os rumos da economia estadual. Temas como arrecadação decrescente, lei de responsabilidade fiscal ou incentivos da Zona Franca nem de longe estão sendo mencionados nesse período. As candidaturas surgem do "nada", sem uma proposta para a região, para o interior ou os dilemas da capital.

Manaus está derretendo pela violência urbana, com os moradores apavorados e a criminalidade avançando sem limites. Todas as pesquisas apontam que esse é o problema mais fervoroso para os habitantes. Porém, os nossos "candidatos" não expressaram, até agora, uma ideia que seja sobre o tema. Isso sem falar em saúde, educação, desenvolvimento ou mobilidade.



Digitized by Google

Outro silêncio que dói em nossos ouvidos é aquele sobre a "nova matriz econômica", modelo econômico para a capital e o interior que o governador cassado dizia estar implantando, nos moldes dos falecidos Terceiro ciclo e Zona Franca Verde. Parece que o projeto simplesmente acabou, sem deixar rastro. Nenhum resíduo desse projeto resiste nas falas do governador interino, que, aliás, alguns dizem que é um candidato também.

Por falar em nomes, já que em ideias ninguém toca, seria interessante que a própria mídia e seus "formadores de opinião" levantassem esse debate. Vejo os comunicadores muito ocupados em discutirem nomes, em falarem em supostos "bastidores", como se possuíssem acesso a algum espelho mágico que diria o nome do próximo governador, antes mesmo das campanhas. Seria importante que mencionassem projetos, que falassem da (finada?) Nova Matriz Econômica ou dos destinos do Polo Industrial.

Creio ser preciso deixarmos os espelhos mágicos de lado um pouco e começarmos a falar em propostas. Mesmo que os candidatos não falem, é hora da sociedade civil, principalmente a mídia especializada, começar a ver os problemas de Manaus, os impasses do interior e os caminhos que o estado pode tomar. Enfim, vamos ver o que a eleição nos oferece.



Digitized by Google

## A GESTÃO E AS CANDIDATURAS

Publicado em 27 de julho de 2017.

As eleições suplementares se aproximam. Se nada mais acontecer no âmbito jurídico, elas ocorrerão mesmo em agosto. Os candidatos transitam com desenvoltura, mostrando suas ideias, personalidades e intenções. Na tv, os debates e comerciais exibem suas virtudes e fraquezas diariamente.

O que iremos, de fato, ter, esquecendo um pouco as propagandas muito bem feitas e produzidas, no Amazonas, nesses quatorze meses de novo governo?! Penso que é um tempo somente de se checar as contas públicas, ver o que foi gasto, quanto ainda se arrecadará e o que se poderá realizar. Como sempre, proliferam as promessas, as utopias e as garantias. Contudo, no meio de uma das maiores, se não for a maior, crise recessiva do país, com uma queda brutal na arrecadação estadual, o que, de fato, se poderá realizar?

A população, na sua maioria, já escolheu a segurança como seu maior problema, aquele que deseja ver resolvido imediatamente. Andar em Manaus, ou mesmo circular de carro ou ônibus, é uma aventura digna de um Mad Max. Ninguém mais sabe se voltará para casa. Não há local inviolável, como os solos sagrados do filme Highlander, qualquer recinto é alvo de assaltos e tiroteios. Porém, qual a resposta? Armar mais a polícia, criar batalhões especiais, melhorar a inteligência, fiscalizar as fronteiras, se associar à PF?! São várias as ideias, mas todas de longa e difícil execução. E isso sem contar no problema dos salários


Digitized by Google

dos policiais e suas promoções, que mexerá, sim, na folha do funcionalismo e nos limites do gasto público.

Do mesmo jeito, os professores encontram-se também com os salários defasados e corroídos pelo custo de vida e pela inflação. A educação não está muito no foco dos candidatos. As pesquisas, pelo jeito, não apontam nessa direção, pelo menos, nesta eleição. Por outro lado, a saúde é sempre criticada e também chovem propostas miraculosas, algumas temperadas por enunciados enfáticos sobre gestão, terceirização e concursos.

Enfim, como citei acima, parece a eleição da GESTÃO. Todos os candidatos, até os menos badalados, cismaram de dizer que o "problema do Amazonas" é gestão. Nas suas falas, o dinheiro parece fluir generosamente nos cofres públicos. Os entraves seriam apenas de "gestão". Várias vezes, contudo, fiquei olhando e pensando: será que as pessoas sabem o que é gestão? Será que os candidatos sabem o que é gestão?

Há algumas eleições atrás, a palavra mágica era PLANEJAMENTO. O candidato deveria dizer que planejava, que tinha planejamento. Agora, gestão virou o doce na boca dos partidos e políticos.

Para finalizar, gosto de dizer que eleição tem uma dose inevitável de sonho, de desejo e utopismo. Sem isso, não precisaríamos de inovações. Entretanto, será que é só gestão que falta? Será que os novos candidatos sabem tanto de gestão? E o que entendem por gestão? Muitos já passaram por vários cargos,


Digitized by Google

alianças e secretarias, ou seus partidos e vices já transitaram por todo o espectro eleitoral. Será que só agora despertaram para as maravilhas da gestão?

Um pouco de realismo nesses meses seria interessante, sem tirar de vista o lado onírico da campanha. Serão duros quatorze meses. Eles não querem e não gostam de falar, mas deveriam ser meses de cortes, de controle e reorientação nos gastos. Quais as prioridades novas a serem resolvidas? Há novas prioridades? Enfim, ainda há muito a ser esclarecido, para além do mundo mágico da gestão.



Digitized by Google

## NOVO GOVERNO

Publicado em 31 de agosto de 2017.

Já temos um governador eleito. Por ora, vemos a desenvoltura do interino, que, em seus últimos dias, aproveita para solidificar uma provável campanha a deputado (estadual ou federal) em 2018.

E quais os desafios do novo eleito? Em primeiro lugar, vejo que o desemprego, a recessão e a arrecadação em queda são os problemas mais prementes. Ele será avaliado, lá por maio ou junho de 2018, pelo que tiver feito nesse terreno. Será esse o critério que os políticos e os formadores de opinião usarão para avaliar seu trabalho. Se não tiver melhorado tais índices, e a população ainda não tiver sentido essas mudanças em seu cotidiano, os políticos irão se assanhar, os partidos vão ensaiar mudanças e candidaturas começarão a pipocar. Não esqueçamos que as convenções são em junho e que mais quatro anos de mandato estarão em jogo em outubro.

Além desse tema, desemprego e recessão, há outros que serão acompanhados atentamente, tais como: segurança e saúde. A violência assola Manaus. Os assaltos a ônibus, as execuções, as apreensões de drogas e os furtos de carros se tornaram rotina. As ruas estão desertas e a população amedrontada. É um problema que precisará de imediata atenção, apesar dos recursos escassos. A saúde pública é complexa e cara. Ajeitá-la é um desafio enorme. Em uma era de poucos recursos, arrumar os exames, consultas e tratamentos, sem falar nos salários, cooperativas e terceirizados, é uma tarefa grandiosa, especialmente pelo tempo reduzido deste mandato.



Digitized by Google

Para finalizar, não se pode deixar de pensar que o momento é de cortes e reduções. Não se pode imaginar que um governante brasileiro irá, agora, gastar, fazer obras grandiosas, criar programas abrangentes ou contratar milhares de pessoas. Outros governos tiveram bilhões à disposição para tais projetos. Não é o caso deste governo. Resta ver o que será feito dentro de tais limites tão estreitos. Os anseios são enormes, em relação inversa à capacidade real dos governos efetivos. Ser eficiente e criativo é a missão do momento. Usar os poucos recursos com eficiência e criatividade é o que se pode realizar. Esperar demais será ingenuidade. Porém, o tempo da política é outro. Caso os resultados não apareçam logo, a temporada eleitoral se abre imediatamente. É conferir o que virá por aí, nesta corrida de 100 metros rasos.



Digitized by Google

## ARMADILHAS DA PAUTA

Publicado em 20 de outubro de 2017.

A pauta política, às vezes, cai em armadilhas. Há temas que predominam, outros que surgem e anulam o restante e alguns que desaparecem por certo tempo.

Um desses que surgiu e acabou ofuscando o restante é o Fundeb. O ato do ex-governador Davi Almeida de ratear uma verba extra que veio entre os professores da Seduc acabou gerando uma pauta de fim de ano. O Fundeb tem uma legislação própria. Não há a obrigação de se ratear excedentes, sobras ou montantes. O que há é a obrigação de se aplicar um mínimo em pessoal. O gestor decidiu ratear diretamente uma verba extra, resultado de um cálculo revisto do repasse federal. Isso gerou um movimento na Semed que desejava equivalente gesto, pois também houve esse reajuste no repasse. O prefeito insiste que usou esse repasse em gratificações e reajustes, além de usá-lo para pagar fornecedores. Os professores, por seu lado, querem o dinheiro vivo, como na Seduc. Há uma verdadeira queda de braço há meses e não há indícios, pelo que se vê nas redes sociais, de um final para esse impasse. Sem pensar em quem tem razão, pois vários fatores legais e políticos entram em jogo aqui, o interessante é ver como o Fundeb virou uma pauta política importante. O atual governador já anunciou que irá pagar este mês a quarta parcela, que seria só para dezembro. Daqui para frente, em um futuro próximo, todos os gestores terão que se defrontar com essa questão, que seria um auxílio – o Fundeb – e dar respostas que agradem aos professionais da educação e às demandas da administração, equilibrando-se nesse impasse.



Digitized by Google

Outro tema que vem dominando os debates e que tende a avançar, fato já detectado nas pesquisas, é a violência. Na campanha, houve a promessa do retorno do programa Ronda nos Bairros. É um programa caro e complexo. Realizá-lo em um ano é tarefa árdua e de difícil execução. A centralidade do tema violência nas redes sociais, na mídia e no cotidiano da população vem fazendo com que esse tema domine o imaginário do habitante de Manaus e do Amazonas. Cada vez mais, os esforços e recursos parecem ser direcionados a esse assunto. Os gestores, paulatinamente, serão avaliados, mais e mais, pelo que fizerem sobre essa questão. De forma muito similar ao Rio de Janeiro, a violência parece ser um tema que vai sobrepujando aos outros e moldando a subjetividade dos amazonenses.

Por fim, é bom citar o impasse financeiro da saúde. Depois das notícias sobre um possível "rombo" (há outro debate sobre o termo adequado), e das sombrias perspectivas desse setor, que mexe diretamente com a vida e a morte do ser humano, discussões acirradas surgiram no meio político. Também de forma crescente, esse assunto começou a inflar e dominar a mídia e as redes sociais. Por seu caráter vital, pois afeta a todos no que mais nos toca: a saúde, ele não parece dar sinais de que irá arrefecer.

Enfim, são três temas que estão crescendo e inchando. Por motivos justos ou não, o certo é que irão predominar nesse ano que se encerra e nos meses iniciais do próximo. Quem desejar se eleger (ou reeleger) terá de lidar com eles, sem falar de outros ligados, como desemprego, arrecadação ou crise. É torcer pelo melhor...



Digitized by Google

## ESPERANÇA E REALIDADE

Publicado em 29 de novembro de 2017.

O ano de 2017 está se encerrando, mas alguns problemas permanecem. O novo governo já está ajustado e trabalhando. Porém, as demandas permanecem e até crescem. Como todo governante, ele quer se reeleger e possuir a chance de governar por dois mandatos. Contudo, certos impasses terão de ser superados. A segurança, teimosamente, continua a infernizar a vida dos gestores estaduais. A cidade vive um clima de insegurança. Sair de casa ou ir a um supermercado é uma verdadeira aventura. Dirigir um carro ou pegar um ônibus é um ato de ousadia. Atitudes como adquirir novas viaturas ou reprimir limpadores de vidros em sinais não estão chegando ao cotidiano do cidadão. Enfim, é um dilema que não dá sinais de progresso.

A saúde e seus terceirizados também aperta o cerco aos governantes. É um modelo de mais de quinze anos de existência e que claramente mostra estar esgotado. O sistema precisa de oxigênio. Entretanto, as soluções são caras, demoradas e trabalhosas. Por outro lado, os cidadãos que precisam da saúde pública, sem falar dos funcionários, querem soluções efetivas e rápidas, justamente o que o atual governo parece não ter.

O tempo político possui sua própria lógica. Março é uma data chave. Alguns ocupantes de cargos terão de sair, caso queiram postular outra ocupação. Em junho, haverá as convenções partidárias, local onde realmente saem os candidatos. No meio disso tudo, temos a dança dos cargos federais, pois o Amazonas


Digitized by Google

possui, teoricamente, hoje, até candidato à presidência, sem falar nos cargos legislativos. Correndo por fora, há o desgaste de alguns nomes causado pelas operações contra a corrupção, como lava-jato e maus caminhos. São elementos que podem alterar o quadro das candidaturas de 2018.

Todos esses detalhes dizem respeito aos programas e ações governamentais e à temporalidade de sua efetivação. Dependendo do quadro de nomes à disposição do eleitor, algumas ações podem ser aceleradas e outras, não. Da mesma forma, o sucesso ou fracasso de certos programas poderá determinar o quadro de postulantes ao governo. O importante é ver o que está funcionando ou não e como o povo reage a essas medidas.

O tempo está correndo e os impasses persistem. Os nomes que desejam o governo são vários. Porém, será que o eleitor os deseja? O que seria uma novidade política, como alguns tanto falam? Até que ponto a novidade existe? Que tipo de novidade? Será que uma novidade poderia resolver o problema da segurança ou dos terceirizados em meses, como tantos esperam? Onde está o limite da esperança e o da realidade? Este é nosso dilema político atual.



Digitized by Google

## O FIM DO CONSENSO

Publicado em 22 de dezembro de 2017.

O pré-candidato à presidência da república Jair Bolsonaro veio a Manaus em dezembro e foi recepcionado por milhares de pessoas. Fez um discurso forte e polêmico, que gerou alguns debates nas redes sociais. Um fato curioso é que muitas pessoas estranharam o teor dessas declarações, ostensivamente violentas e reabilitando o período da ditadura militar.

Penso que a origem desse estranhamento e desses debates sobre os rumos do país possui suas raízes nos anos 80. Nessa época, a luta contra a ditadura e a redemocratização era uma unanimidade entre as forças políticas. Muitas esperanças eram depositadas na democracia. Seria o fim da pobreza, a redução da violência urbana, a melhoria da educação e da saúde e o crescimento do emprego, entre outros benefícios. Nesse momento, ocorre um certo "consenso" político de que o país precisaria cuidar dos mais pobres, das minorias, de que a tarefa do Estado seria atender às pessoas necessitadas e que a ditadura seria a causadora de todos os males de nossa sociedade.

Esse consenso atravessou a opinião pública brasileira por cerca de trinta anos. Todos os partidos brasileiros, com nuances, respeitavam isso, propondo programas, bolsas, auxílios e subsídios os mais variáveis, ano após ano. Mesmo Collor, que a esquerda acusava de neoliberal, se dizia um "social-liberal, e tomou limitadas atitudes no sentido real de liberalizar nosso mercado. Além disso, a esquerda, que perdeu o combate político nos anos 60 e 70, venceu o duelo cul-



Digitized by Google

tural na opinião pública e firmou um certo "a priori", que nunca foi contestado de que lutara pela democracia e que a ditadura interrompeu o desenvolvimento de um país que avançava "normalmente" em direção ao primeiro mundo.

Contudo, o que os últimos quatro ou cinco anos mostraram é que esse suposto "consenso" acabou. Elogios à ditadura começaram a ser livremente proferidos. A ideia de que a esquerda defendia a democracia nos anos 60 começou a ser revista por historiadores consagrados academicamente. Uma opinião pública de cunho liberal começou a ser soltar e a questionar determinados pressupostos socializantes, anteriormente tidos como inquestionáveis. Enfim, houve uma dissolução daquele "consenso socialista" gerado pelos anos 80 e que a Constituição de 1988 foi o maior feito, pelas mais variadas razões. Liberais, socialistas dos mais diversos matizes, comunistas, anarquistas, direitistas, entre outros movimentos e ideologias, começaram a sair do armário. Isso sem falar dos movimentos da micropolítica, referidos a questões de gênero, etnias etc., que afloram diariamente.

Em 2018, em minha opinião, teremos a primeira eleição presidencial sem esse "consenso" dos anos 80. Há opiniões bem diferentes sobre o papel do Estado, o teor da ditadura, o que é democracia, as prioridades econômicas e a relação mercado x serviço público. Isso tudo somado aos problemas do cotidiano, como violência, desemprego e recessão, que atingem das formas mais variadas a população, nos seus diversos estratos.



Digitized by Google

Esperemos pelos debates. Certamente serão muitos animados. As diferenças estão mais claras e explícitas. Consensos e aproximações estão muito distantes. É esperar para ver aonde iremos e sob qual liderança...



Digitized by Google

## DIGNIDADE E SALÁRIO

Publicado em 05 de fevereiro de 2018.

Um secretário estadual possui muitos deveres, com certeza. É uma vida atribulada, sem horários fixos e com uma ameaça constante de processos e interpelações pelo resto da vida. Além disso, o próprio cargo necessita de elevado conhecimento técnico e habilidade política considerável. Se comparados aos salários, em cargos similares, de executivos de empresas privadas, são vencimentos reduzidos. Em um país com salários tão achatados, é chato falar isso, mas, proporcionalmente, são salários reduzidos, pela magnitude da função que exercem.

Contudo, há outros servidores, como os professores, que estão com salários congelados há cerca de 4 anos. E isso exercendo também funções de alto teor técnico e grande relevância social. Não mexem com bilhões, como alguns secretários, nem são responsabilizados por desvios ou aplicações equivocadas, mas são muito importantes também.

Quando o governador atual diz que é preciso aumentar o salário para que os "secretários sejam honestos e vivam com dignidade", uma certa insensibilidade paira no ar. Em termos técnicos, é vital aumentar certos vencimentos, pois a necessidade de especialistas de elevado nível é grande. Com salários baixos, em termos de mercado, não se pode atrair técnicos de alta capacidade. Contudo, a pessoa pode ser honesta sem ter salários elevados. Será que um professor que recebe menos de 3 mil reais é desonesto? Sua vida é menos digna? Só


Digitized by Google

os secretários podem ter uma vida digna? A infelicidade da fala oficial reside nesse ponto. Não há dúvidas de que técnicos capazes merecem bons salários. Porém, todos os profissionais merecem receber bons salários. Todos merecem uma vida digna. Ter salários congelados por tantos anos é algo indigno. Nesses termos, manter salários congelados tanto tempo seria uma condenação à indignidade e desonestidade.

Enfim, estou falando que honestidade e dedicação ao trabalho não dependem tão diretamente de valores mensais, embora tenham algum tipo de relação. Dignidade profissional é algo que existe independentemente de valores salariais, apesar de haver relações entre isso. Se o governador deseja mesmo falar de dignidade, poderia rever certas políticas salariais. Essa busca pela dignidade poderia atravessar várias categorias e não só as do andar de cima. Em vez de fechar nos secretários os aumentos, seria uma boa hora para ver aumentos lineares e melhorias gerais. Assim, se poderia falar melhor em dignidade e honestidade. Coisas necessárias, mas muito duras de serem contratadas.



Digitized by Google

## A ZONA FRANCA DE MANAUS FAZ ANIVERSÁRIO!

Publicado em 05 de março de 2018.

A Zona Franca faz aniversário! A data de 28 de fevereiro é importante para o Amazonas: nesse dia foi criada a Zona Franca de Manaus. Desde então, mudanças significativas na economia, cultura e demografia local, entre outros itens, foi notada e sentida por todos da região.

Atualmente, em 2018, após 51 anos de sua implantação, muita coisa deve ser refletida sobre ela e seus impactos. Por um lado, sua importância econômica é inegável. São mais de 600 indústrias e cerca de 500 mil empregos diretos e indiretos, fora os bilhões de reais em renda gerada pela Zona Franca de Manaus. Não há político que não a insira em suas campanhas. Defendê-la é um dogma da política local. Não há quem ouse contestar tal evidência. O candidato que deixá-la de lado será agredido e ofendido como traidor e omisso por seus concorrentes. Por essa razão, em todas as campanhas sempre há quem fale em "defender a Zona Franca", "prorrogar seus benefícios" etc. O povo vê o distrito industrial como um sonho de consumo. Sonha em trabalhar nele, ganhar um plano de saúde, alimentação e transporte grátis, financiados pelas empresas do PIM. Ter um emprego na Zona Franca de Manaus é o sonho dourado de grande parte da população, fato que ninguém deve pensar em duvidar.

Os governantes e empresários dependem diretamente dos salários gerados no PIM e da renda que ele gira mensalmente. Os shoppings, bares, restaurantes e casas de eventos, por exemplo, dependem na quase totalidade do dinheiro



Digitized by Google

produzido no PIM. Os impostos são o motor do desenvolvimento de Manaus e do Amazonas. O orçamento estadual de 15 bilhões, maior do que quase todos os dos estados nordestinos, só é possível pelos tributos e pela renda gerada no PIM.

Porém, há outros lados dessa generosa e farta moeda. A migração maciça, geralmente de pessoas sem qualificação e baixa empregabilidade, gerou um crescimento demográfico espantoso. Os governos, no afã de gerar clientelas eleitorais, permitiram de tudo em termos de povoamento e habitação, desprezando qualquer tipo de paradigma urbano. Enfim, a cidade ficou violenta, suja, desordenada, esburacada, de ruas vazias e sem uma identidade cultural que lhe dê algum tipo de charme ou atrativo. Tentam se inventar tradições, como um "carnaboi" ou as "feiras de tururi" ou dizer que o "tambaqui sem espinha" é um alimento típico imemorial. Contudo, os dilemas permanecem, os limites da cidade são claros e suas dificuldades não são reduzidas.

O PIM foi generoso e rico com Manaus. Porém, às vezes, parece tê-la acostumado mal, deixando-a sem opções de sobrevivência. Quem consegue pensar, realisticamente, Manaus e o Amazonas sem o PIM e sua riqueza e seus impostos?! Difícil pensar alternativas. Turismo, piscicultura, agricultura etc...são mesmo alternativas reais? Até que ponto? Esses são impasses que a Zona Franca nos deixou e deixa, mesmo ao risco de sermos repetitivos nos alertas.



Digitized by Google

## MANAUS, O FUTURO E A SEGURANÇA

Publicado em 29 de março de 2018.

A situação da segurança no Rio de Janeiro é tradicionalmente complicada. Traficantes, intervenção federal, exército nas ruas, policiais mortos, políticos presos ou executados, entre outros temas, já fazem parte do cotidiano jornalístico. Não há novidades, apesar do inusitado cada vez mais escandaloso do nível dos crimes, como a execução de uma vereadora ou a morte de 3 policiais em serviço no mesmo dia.

Isso vem muito em decorrência do poderio territorial e militar que as quadrilhas do tráfico possuem sobre determinados espaços da cidade, em especial as favelas/comunidades. Além disso, para apimentar a situação, surgiram nos últimos vinte anos outro fenômeno social, as milícias. Fruto da associação de policiais e bombeiros em certas comunidades, as milícias combateriam o tráfico de drogas, mas, em troca, controlariam os negócios da região, incluindo gás, tv a cabo, transporte coletivo e mercearias, por exemplo.

A guerra entre traficantes e milícias divide o Rio. Porém, será que é um fenômeno exclusivo dessa cidade? Creio que não. As milícias apareceram como resultado da insatisfação extrema de pequenos negociantes de comunidades pobres com o descaso oficial diante da criminalidade. Grupos de policiais perceberam que poderiam combater o tráfico, contanto que não estivessem presos aos limites institucionais. Também notaram que poderiam ganhar dinheiro com isso, seja recebendo "bolsas" desses negociantes, um pouco reproduzindo os


Digitized by Google

antigos esquadrões da morte, dos anos 70, seja tomando conta de alguns negócios da localidade.

Será que esse cenário de insatisfação popular é exclusivo do Rio? Será que nos bairros de Manaus não há um clima similar? Até que ponto certos grupos de policiais, bombeiros e guardas municipais não estariam dispostos a "prestar serviços" a comerciantes nesses bairros? E o que custará até o momento em que entendam que podem ganhar sozinhos, sem intermediários, nos negócios do bairro?

Não acho bom fazer previsões (se soubesse fazer isso, adivinharia os números da mega-sena da virada de ano). Entretanto, estou analisando fatos concretos. Os linchamentos, as reclamações, as execuções diárias e a sensação permanente de insegurança são indícios graves desse processo em Manaus. Falta pouco para que surjam esses grupos nos bairros, se é que já não existem grupos de "vingadores" atuando livremente por aí. Pouco vai faltar, então, para que esses grupos se organizem e se tornem milícias de verdade. Enfim, o tempo vai nos mostrar. Porém, por que não pensar nisso desde logo?



Digitized by Google

## INOVAR PARA CRESCER

Publicado em 09 de maio de 2018.

O Brasil vive uma ressaca da maior recessão de sua história. Os investimentos caíram assustadoramente e há cerca de três anos vivemos um espetáculo de cortes e ajustes nas esferas pública e privada que parece não ter fim. Ë hora, então, de buscar alternativas e captar recursos. Não adianta chorarmos e ficarmos nos lamentando. Com um orçamento de mais de R$ 15 bilhões, o Amazonas precisa enxergar oportunidades e inovar na sua busca por alternativas. Esperar que os empresários surjam com empreendimentos fantásticos ou chances inusitadas virou utopia. Da mesma forma, somente cortar no serviço público pode comprometer investimentos que serão importantes para o futuro.

Assim, sem olhar o tesouro estadual como um manancial eterno de recursos, é necessário ver de onde se pode captar verbas para o estado. E esses recursos precisam estar coadunados a uma visão que os direcione para o futuro, preparando o estado para um cenário melhor a médio prazo.

E onde estaria esse dinheiro oculto? Primeiramente, ele não é tão oculto assim. Porém, é preciso pesquisar e fazer projetos. Não é hora de queimar recursos em atitudes demagógicas ou de curtíssimo prazo. Em segundo lugar, onde estão tais recursos? Rapidamente, posso citar o Fundo Amazônia, com cerca de R$ 2B, O FNO, com R$ 3B, as linhas de crédito para a indústria 4.0, com R$ 8.4 B, o Fundo Penitenciário e o Fundo Nacional de Segurança Pública, com outros bilhões à disposição dos governos estaduais e seus projetos. Isso sem falar no


Digitized by Google

Fundo do Turismo, por exemplo, ou as verbas de PD & I que estão aguardando por institutos e governos que desejem usá-los.

Nem todos esses recursos são acessíveis ao setor público. Entretanto, os governantes podem inovar e promover junto a órgãos como SUFRAMA, FIEAM e CIEAM a utilização deles. Parcerias, workshops e convênios podem ser feitos e esses recursos acabarem entrando em circulação. Além disso, se pensarmos no caso das verbas para a indústria 4.0, é um recurso que poderá dinamizar e atualizar o polo industrial, adequando-o às demandas do século XXI. É uma discussão que já prolifera há mais de uma década na Europa, mas que só agora chegou aqui. É preciso que nossos empresários tomem consciência da necessidade dessa inovação e readaptem suas plantas.

Nessa linha, é hora de pensar o que se pode fazer em termos de PPBs, buscando ampliá-los, e o que se pode fazer com o CBA. São oportunidades que estão ali ao lado e que não custariam muito dinheiro.

Os fundos para a segurança, caso bem utilizados, economizariam recursos estaduais que poderiam ser aplicados em outras áreas, como a infraestrutura. Pensar a modernização das cadeias produtivas somente será possível com investimentos em portos, aeroportos e energia. Os pequenos produtores precisam dessas cadeias para escoar a produção e agregar valor aos seus produtos, em muitos casos aliando-se aos grandes produtores. Somente com logística eficiente e acessível, isso será possível.



Digitized by Google

Enfim, é mais do que hora de criatividade e responsabilidade. Por um lado, é o momento de buscar fontes alternativas de recursos. Por outro, é a hora de aprofundar na gestão responsável, eliminando duplicidades e dispêndios meramente eleitoreiros, para agradar grupos e apoiadores eventuais.

Inovar para se desenvolver precisa ser nossa meta imediata. O desemprego não está dando tréguas. O Amazonas e Manaus, em especial, sofrem mais do que a média nacional, pelo perfil industrial de seus empregos formais. É preciso criatividade e trabalho para superar esta crise e oferecer novas chances à população que busca uma vaga e está ansiosa por uma vida melhor.



Digitized by Google

## A SEGURANÇA EM QUESTÃO

Publicado em 05 de julho de 2018.

Esta semana muito se falou sobre o relatório da consultoria de Giuliani acerca da segurança no Amazonas. Os valores milionários do contrato, realizado sem licitação, assustaram e causaram impacto na opinião pública local.

O fato mais relevante desse relatório, que poucos viram ou leram, foi ele ter chamado a atenção para a questão do tráfico de drogas nas fronteiras. Sem querer avaliar o valor do contrato, é importante notar que a questão da fronteira já é um assunto avaliado pelas autoridades há anos. Há programas nacionais e locais, como o ESFRON e O PEFRON, que têm o foco na segurança das fronteiras. Há tempos que esses programas alertam para a necessidade de um plano estratégico de vigilância nessas áreas e para a formação de parcerias entre o governo estadual e a União. Então, não sei se podemos falar em "novidade" nesse relatório, considerando apenas o que foi noticiado sobre a fronteira.

Além disso, é relevante notarmos que a diferença nas legislações americana e brasileira é muito grande. Infelizmente, pelo que se vem noticiando sobre essa consultoria, não há previsão de qualquer tipo de intercâmbio dos analistas estrangeiros com especialistas locais. Há institutos no Brasil, ligados ou não a universidades, que se dedicam a investigar a questão da segurança pública, mas que, até momento, não foram consultados para eventuais parcerias nesse processo. Uma pena, pois é um conhecimento acumulado que poderia ser utilizado de forma mais eficaz e concreta. Há muitos dados já coletados em nível



Digitized by Google

nacional e regional que poderiam ser usados nesse tipo de análise e que, pelo visto, não foram consultados. No âmbito estadual, também há pesquisadores que trabalham esse tema, seja no próprio governo ou nas universidades locais, cujo centro das análises é o tema da segurança. Pelo andar da carruagem, parece que também não serão consultados pelos analistas externos, o que me parece uma deficiência, pois é um problema que merece uma visão mais plural. Isso tudo é estranho, quando se ouve que os membros da empresa de Giuliani usaram os dados coletados pela própria polícia local, ou seja, não fizeram nenhum tipo de trabalho de campo.

Tomara que o contrato preveja algum intercâmbio, palestras ou oficinas. Seria benéfico aos estudiosos locais terem conhecimento do que esses analistas estrangeiros possuem de diferencial competitivo. Creio que poderiam dar conferências na universidade estadual, socializando seus métodos e suas descobertas. Sua consultoria deveria gerar frutos para além do mero relatório, que, pelo que se noticiou, apenas ratificou coisas que já circulavam nos meios especializados.

É aguardar e ver o relatório na sua íntegra. Espero que ele seja colocado logo à disposição da sociedade, em algum site oficial, para que possamos avaliar seus resultados e mensurar seu real valor. Também espero que os analistas do Giuliani compartilhem seu conhecimento e sua metodologia de trabalho, para que possamos não "desenvolver" nossos estudos e, quem sabe, não mais precisar de tais "consultores" do primeiro mundo.



Digitized by Google

## A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Publicado em 01 de agosto de 2018.

Espantosos os números, nas pesquisas eleitorais, daqueles que não pretendem votar em nome algum. Se somarmos esses aos indecisos, aos nulos, aos brancos e àqueles que nem irão ao pleito, isso totaliza, em contas ligeiras, mais da metade do eleitorado, tanto brasileiro como amazonense.

O ceticismo e o desencanto chegaram a limites absurdos. As pessoas preferem reclamar nas redes sociais, xingando todos que aparecem como candidatos, e se omitirem do processo, a tentarem mudar algo ou a participarem realmente da política. Há o costumeiro argumento de que "nada muda". Porém, são exatamente esses desgostosos que mais vão às redes sociais para xingar, compartilhar acusações e sair ofendendo qualquer um que toque em questões políticas.

Dizer que não há "bons candidatos" é um exagero, creio. O "bom" depende daquilo que o eleitor esteja interessado. O "bom" para um empresário não é o mesmo "bom" para um operário, e assim por diante... Se estivermos falando em termos morais, a coisa complica. Ser ficha limpa é sinal de "bondade"?! Os atestados do TCE e TCU são sinais de santidade? É esse o critério? Não ter antecedentes policiais? Ser religioso? E de qual religião? Qual o critério para definir essa "bondade"? Ser desconhecido? E se for um marginal iniciante na política? O fato de ser sua primeira eleição já é sinal de beatitude? Sem querer desculpar ou acusar alguém, penso apenas em qual o critério para a beatificação ou condenação de um candidato?



Digitized by Google

Outro ponto que acho merecedor de mais reflexão é que justamente as pessoas que mais reclamam da política e dos "maus candidatos" não querem se candidatar. Se "não há nomes" bons, por que essas pessoas "boas" não entram no jogo político? Se aqueles que se dizem "bons" não entram nesse universo, "purificando-o", como querem que tudo se normalize? Se as pessoas que se dizem "honestas" rejeitam a política, ela não mudará mesmo.

Finalizo, dizendo que a política importa muito para todos nós. O próximo governador do Amazonas, por exemplo, mexerá com mais de 60 bilhões em 4 anos. É muito dinheiro para a maioria da população se isentar do debate ou ficar "esperneando" no facebook. É muito dinheiro para não irem votar e depois ficarem criticando os que se candidatam. O desencanto e o ceticismo são enormes, admito. Contudo, se as "boas" pessoas não entrarem nesse debate, preferindo a omissão blasé, supostamente crítica e superior moralmente, aí é que nada mudará. Sindicatos, partidos, ONGs, entre outros, são espaços de ação e reflexão política. Participar deles, de seu cotidiano é vital para nossa vida e nosso destino. Depois, não adianta reclamar ou chorar nas redes sociais.



Digitized by Google

## PERSUADIR E SER ELEITO

Publicado em 29 de agosto de 2018.

Estou acabando de ler um interessante e divertido livro, que gostaria de indicar ao público em geral: "Ganhar de lavada. Persuasão em mundo onde os fatos não importam". O autor é Scott Adams, criador das tirinhas de "Dilbert", que satirizam o cotidiano dos funcionários das grandes empresas americanas e debatem o atual estado do trabalho em nossa sociedade. Sem entrar em detalhes sobre a obra, que indico de boa fé, somente quero apontar como ela discute o poder da persuasão, através de uma análise da eleição de Donald Trump, mostrando que fatos e argumentos pouco valem na vida diária dos seres humanos. Scott Adams busca mostrar (e consegue razoavelmente bem) que valores, emoções e percepções são mais decisivos nas nossas escolhas do que a análise fria e racional de fatos e argumentações racionais e calculados.

Acho que isso tem relações muito vivas com nossa situação, seja no Brasil como no Amazonas. Em termos nacionais, temos um candidato preso, que o partido insiste em dizer que está na disputa para presidente. Ele não tem programas nem projetos, apenas um apelo á nostalgia de seus supostos "bons tempos", uma certa dose de vitimização, pois teria sido "objeto de um golpe" do congresso e do judiciário e nada mais. O apelo disso é interessante. Todas as pesquisas o apontam, mesmo nessa condição peculiar, com cerca de 30% das indicações. Em suma, não é preciso mostrar projetos, debater ideias ou coisa semelhante. O apelo ao passado, a uma possível "era de ouro" é mais forte do que qualquer discussão sobre ideias novas ou atualizadas. Para confirmar isso,


Digitized by Google

o segundo colocado, ou primeiro, conforme o ângulo de análise, candidato com passado de militar e apoiador do golpe civil-militar de 1964, somente fala em ter autoridade, ser firme, enérgico e demonstrar força. Quando indagado sobre economia, meio ambiente, desemprego ou saúde, se esquiva e diz que terá um assessor que responderá por tais temas. Em resumo: não possui programa nem projeto para o país, apenas passa uma imagem de "durão" e confia que esse simbolismo irá levá-lo á presidência.

No Amazonas, não é diferente. A eleição tampão de 2017 elegeu um candidato sem um projeto sequer. O atual governador foi eleito apenas pelo "amor", pois, segundo seu slogan, ele "ama o Amazonas". Desde então, vemos um governo que pouco inovou, que dispensou mais de mil licitações, segundo dados da assembleia e que busca se reeleger com o mesmo lema sobre o amor. Enquanto a segurança desmorona e o desemprego se mantém inabalável, o governo aposta suas fichas no "amor" e numa suposta "tradição", para mostrar que "arruma a casa", no máximo apostando alto em uma consultoria internacional, cujo relatório ninguém viu ou leu. Sem definir programas, conceitos ou detalhar ideias, o mundo segue e ele é o líder das pesquisas (embora com números baixos, assim como todos os outros).

Enfim, é interessante ver e compreender como raciocina e enxerga o mundo o eleitor. Se fatos e argumentos nada valem, e o importante são o amor, a esperança e a autoridade, é necessário lermos mais sobre isso e mudarmos nossa maneira de nos comportarmos e até de entender a vida e a política, a fim de não cairmos em algumas ilusões racionalistas.



Digitized by Google

## COM SANGUE NOS OLHOS

Publicado em 27 de setembro de 2018.

É com sangue nos olhos que o povo vê esta eleição e cada eleição possui sua história. Há eleições nas quais há uma demanda por ideias, inovação e projetos. Já houve pleitos em que o eleitor queria ouvir a palavra planejamento, mesmo que não soubesse bem o que isso significasse. Repetidamente a mídia fala, hoje em dia, em programas e projetos. Até faz parte das obrigações eleitorais o candidato protocolar um programa de governo, por mais genérico que seja.

Contudo, parece que há momentos na história de um país em que essa ânsia por projetos e ideias desaparece. O que vemos atualmente, no confronto entre Bolsonaro e Haddad, é uma outra coisa. Quem conhece as ideias econômicas de Bolsonaro, se é que existem? Quem se atreve a dizer o que Haddad fará de diferente em seu governo, em relação ao de Dilma, que causou a maior recessão de nossa história? Os dois absolutamente se recusam a explicar seus projetos de governo e a detalhar quais serão suas ações, especialmente na economia, geração de empregos e de renda. O debate fica centrado em questões (importantes, sim, ressalto) como homofobia, corrupção, violência e feminismo. Entre outras coisas, estamos gastando um tempo enorme para saber se o comunismo é bom ou não para o Brasil, mesmo depois do muro de Berlim ter caído há décadas. Na mesma linha, mesmo com quase trinta milhões de desempregados e desalentados, estamos trocando ideias sobre um suposto kit gay. Ou seja, essa eleição não é, decididamente, o pleito das ideias, do emprego, do desenvolvimento econômico e dos rumos que queremos para o país. As mi-



Digitized by Google

croquestões dominaram o ambiente e quem não se preocupa com elas acaba sendo execrado nas redes sociais.

Nesse ambiente de disputa acirrada, os ânimos estão exaltados demais e o debate gira em torno do petismo x antipetismo. No meio disso tudo, a religiosidade entrou em cena. Ser de esquerda virou quase um sinônimo de ser ateu ou defender a ideologia de gênero e os grupos LGBT, pelo que se vê nas redes sociais. Por outro lado, ser bolsonarista, está sendo equiparado a defender a religião, Deus, a pena de morte e ser contra a ideologia de gênero e as demandas LGBT. Enfim, misturou tudo. Religião, sexualidade, violência e política fundiram-se numa coisa só. Tornou-se irrelevante buscarem-se opiniões sensatas sobre economia, saúde, meio ambiente ou educação. O importante é brigar, xingar, gritar o nome de Deus, ou negá-lo, exprimir sua orientação sexual e se orgulhar disso na internet.

Nesse clima geral de violência, questões íntimas viraram públicas e decisivas. Imagino o que será o primeiro semestre do próximo presidente. Quem assumir terá uma oposição virulenta, brutal e fanática a lhe perseguir diariamente. Os pedidos de impedimento choverão. As obstruções serão comuns. Isso, caso consiga assumir, quem quer que seja, depois de vencer. Serão dois momentos diferentes: vencer e tomar posse.



Digitized by Google

Enfim, é com sangue nos olhos que o povo vê esta eleição. E é com esse mesmo clima que se aguarda o próximo governo. Em especial, o primeiro semestre de 2019. O que resultará disso? Não sei. Porém, tenho certeza de que esta república pode estar vendo seus minutos finais, não importa quem vença na urna, afinal, a democracia já foi partida e reduzida a pó no processo.



Digitized by Google

## REFLEXÃO SOBRE A ELEIÇÃO

Publicado em 31 de outubro de 2018.

Depois de sabermos os resultados, é mais fácil refletirmos. Certos ensinamentos ficaram desta eleição. Cada pleito tem sua história e a deste ainda pode está apenas começando a ser analisada. Para facilitar a leitura, farei na forma de aforismas algumas de minhas reflexões:

- Ter tempo na TV, nas inserções ou no horário eleitoral, não é garantia de vitória ou bom desempenho. O exemplo de Alkmin foi muito interessante. Bolsonaro teve uma inserção a cada dois dias e o derrotou fragorosamente no primeiro turno.

- É possível vencer uma eleição quase sem sair de cada, apenas enviando vídeos pelo youtube, como Bolsonaro. As redes sociais, pagas ou espontâneas, colocaram as eleições me outro patamar. Mudaram o paradigma do que seja fazer propaganda eleitoral.

- Certas forças subterrâneas, como a tradição, a sexualidade, a família, a moralidade, o antipetismo, o kitgay, o militarismo, a busca da ordem e o machismo, que há alguns anos nenhum marqueteiro levaria a sério mostraram vitalidade e fora eleitoral. Nas próximas disputas, certamente os publicitários e estrategistas terão mais cuidado com tais questões.



Digitized by Google

- Nem sempre o eleitor vota por grandes temas, como emprego, renda, meio ambiente, desenvolvimento e educação. Outros problemas de âmbito mais privado ou puramente emocional podem surgir e atropelar as questões badaladas. Os candidatos devem ficar preparados.

- O eleitorado votou com raiva, com ceticismo e sem preocupação maior com o futuro. Ligou o "dane-se" e quer ver aonde tudo isso vai dar. Não se preocupou com o futuro, a experiência ou a gestão. Dançou à beira do abismo, como diria o filósofo Nietzsche, e gostou da sensação. As escolhas por Witzel, Barneis, Zema e Wilson, entre outros, mostrou isso.

- Pela primeira vez, um presidente venceu sem, nas pesquisas, liderar nas classes D e E. Isso foi inédito. É um dado a ser considerado em posteriores campanhas.

- É possível vencer radicalizando. O velho mito eleitoral brasileiro de que só se vence "indo para o centro" acabou. Os dois adversários do segundo turno cada vez mais se radicalizaram e nada aconteceu. Ou seja, nem sempre o centro é a saída eleitoral do Brasil.

Cada eleição tem sua história, como afirmei. Veremos aonde esta irá chegar. Campanha é uma coisa. Governar é outra. As eleições municipais estão logo ali, na esquina. O desemprego permanece, apesar dos gritos contra o kitgay ou os louvores à diversidade. Enfim, é hora de checar aonde o "novo" nos levará e o que significa tal novidade, de fato.



Digitized by Google

## LIBERALISMO E LIBERALISMOS

Publicado em 21 de novembro de 2018.

O Brasil vem há anos, desde os anos oitenta, perseguindo o modelo social-democrata de Estado: impostos altos, alta intervenção estatal na economia, serviços públicos universais e gratuitos e presença constante dos agentes públicos na regulação dos mercados. Com avanços e recuos, esse modelo do Estado de Bem-Estar Social vem sendo buscado de maneira generalizada e em especial em áreas como saúde, assistência social, segurança e educação, sem falar em meio ambiente ou desenvolvimento econômico. Talvez o SUS seja o melhor exemplo, assim como todos os outros sistemas únicos que temos atualmente, nas mais diferentes áreas.

A eleição atual consagrou uma certa mudança, com o predomínio, na área econômica, de ideais mais vinculados ao liberalismo. Valores como liberdade individual, Estado mínimo, mercado livre e competição estão em alta, sendo consagrados como os novos paradigmas brasileiros.

Contudo, não foram as ideias liberais que consagraram a campanha vitoriosa do eleito. Os fundamentos de sua campanha estiveram na religião, na defesa da família tradicional, no combate à corrupção, no antipetismo, no fim da violência e na busca da ordem. O liberalismo econômico veio como um adendo, um anexo, assumidamente desconfortável para o candidato a presidente, que sempre dizia não entender de economia e que esse era um assunto para seu futuro ministro da economia, o famoso Paulo Guedes.



Digitized by Google

Porém, o clima virulento da campanha, em especial o segundo turno, consagrou uma verdadeira caça às bruxas, na qual quase tudo que não diz respeito ao credo dominante (principalmente na religião) é doutrinação ou perversão. Nesse clima macartista (do Macartismo americano), muito se fala em uma defesa dos ideais "liberais", em oposição ao famigerado comunismo. Na mesma linha de raciocínio, uma perseguição a minorias ou a posicionamentos "heterodoxos" sobre sexualidade ou religião estão sendo vistos como negativos e sujeitos à perseguição.

Creio que é bom ressaltar que o liberalismo não se reduz à versão economicista. A defesa das liberdades – civis, políticas, sociais etc – faz parte do legado liberal. A democracia evoluiu, desde seus primórdios na Inglaterra do século XVII. Outros elementos, como a liberdade sexual ou o respeito ao meio ambiente foram sendo acrescentados e conquistados. Os trabalhadores lutaram muito para conquistar direitos básicos no século XIX, rompendo com a versão excludente do liberalismo vigente de então. A democracia veio ampliando seu escopo e se aprofundando ao longo dos séculos XX e XXI, justamente pela inclusão de novas temáticas e por conquistas de grupos antes rejeitados.

Enfim, é preciso notar que liberdade econômica, redução de impostos, desburocratização e competitividade não são valores incongruentes com a discussão de orientação sexual, valorização do servidor público, pluralismo religioso ou diversidade cultural. O centro do liberalismo estava na defesa do ser humano. A democracia liberal tinha fundamentos humanistas. Negar isso é rejeitar mais de três séculos de conquistas ocidentais. Em termos concretos, esse conflito



Digitized by Google

entre um liberalismo (que vai além do econômico) e a defesa de valores religiosos fundamentalistas e o resgate da ditadura civil-militar que vem sendo propagado pode ser um dos maiores impasses do novo governo. É algo que devemos prestar muita atenção, daqui para frente.



Digitized by Google

## A ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIO

Publicado em 21 de dezembro de 2018.

Durante a campanha, o superministro Paulo Guedes dizia que iria acabar com todos os subsídios, isenções e excepcionalidades na economia. Esta semana, após a Câmara dos deputados aprovar incentivos para SUDENE e SUDAM, vários comentaristas econômicos influentes reclamaram, dizendo que "é isso que está acabando com o Brasil". Conclamavam o novo governo federal a acabar com tudo isso, pois o Brasil teria de eliminar tais disparidades.

Se olharmos de forma isenta, a partir dessa visão liberal radical predominante, a Zona Franca, com suas isenções, seria uma dessas excepcionalidades. Apesar de o presidente eleito ter dito, em campanha, que não mexeria nela, inclusive por ter sido uma obra da ditadura militar, período que ele admira, não creio que se deve confiar muito nisso. O ministro Paulo Guedes não é um admirador de tais exceções e sua exaltada autonomia pode levar a ZFM a certos impasses decisivos.

Nesse contexto, é hora de pensarmos em alternativas reais, sem os costumeiros arroubos em defesa do modelo ou da choradeira de que a "história se repetirá e o Amazonas vai perder outra janela de oportunidades". O tema da indústria 4.0 é um exemplo. Não é apenas a mudança de processos produtivos que está em jogo nisso. Ao se falar desse tema, o que está em questão é a Quarta Revolução Industrial. É um processo global que está mexendo com todos os arranjos produtivos e com a própria relação sociedade x tecnologia.



Digitized by Google

Já é mais do que hora de debatermos os impactos dessas mudanças no PIM, verificando suas fontes de financiamento (O BNDES possui cerca de R$ 10 B para essa finalidade) e as respectivas consequências para a sociedade amazonense. Essa nova revolução mexerá com a oferta de empregos e com o tipo de ocupação disponível, incluindo questões como gênero e nível salarial. As relações dessa revolução com temas transversais como meio ambiente e educação precisam ser melhor discutidas e investigadas.

Aliás, a educação é o ponto central desse debate que o futuro governador terá de levar. É preciso definir que educação queremos. É imperativo sair das discussões sobre merenda, fardamento e kit escolar. É preciso evoluir e pensar sobre as relações que nossa educação possui com a ciência e a tecnologia local. O uso da biodiversidade e a criação de polos de startups e empresas digitais só pode ser feito se houver uma profunda revolução no modelo de ensino que prezamos. Alguns autores já chamam de "Economia do Conhecimento" esse novo paradigma econômico que as nações desenvolvidas estão delineando. Os Brics também estão entrando nesse debate, pois não querem ficar para trás (em 2019, o Brasil assume a direção do Brics). Eu diria que o Amazonas, com o PIM, não pode desprezar tais sinais da economia global. Se o modelo atual da ZFM está obsoleto e não levantará maiores defesas pelo país, caso caia, é hora de criarmos alternativas e mostrarmos soluções, antes que países ou estados não alinhados com nossas preocupações nos apresentem pacotes pré-fabricados.



Digitized by Google

Enfim, é hora de investir em educação, ciência, tecnologia e inovação. Alterar o PIM é uma necessidade. Passa da hora de mudarmos o paradigma político e cultural local. É mudar ou ver os outros nos mudarem, conforme seus desejos, às vezes, nada positivos para nós.



Digitized by Google

## O QUE É A NOVIDADE?

Publicado em 22 de fevereiro de 2019.

O eleitor amazonense apostou no "novo" em 2018. Decidiu votar, em sua maioria, em um candidato que não possuía um passado na política e que contrariava todas as previsões dos analistas. Diversos fatores contribuíram para essa situação, inclusive o cenário nacional, em que a luta contra a corrupção da "velha política" foi um tema extremamente influente na decisão do voto.

Quase dois meses depois de tomar posse, o novo governador enfrenta impasses previsíveis e alguns outros que podem soar como novidade. A saúde explodiu e se tornou o problema predominante na mídia. Porém, a segurança continua tão "insegura" como antes, as compras sem licitação ocorrem ainda e a responsabilidade fiscal continua nos limites, como antes, entre outros problemas que surgem diariamente.

Uma reforma administrativa foi anunciada pelo governador na mensagem oficial. Porém, já estamos no segundo mês de governo e os secretários já começaram os planejamentos e a gerir suas pastas. A pergunta que fica é: quem vai ser cortado, fundido, anexado ou extinto agora?

Uma coisa parece clara: o grupo atual foi eleito sem planos e fez uma transição pouco esclarecedora. Os meses da transição não resolveram questões e nem aclararam os dilemas. A surpresa – como o tão propagado rombo – ao tomar posse e verificar a real situação dos cofres estaduais parece não acabar.



Digitized by Google

O governo não propõe medidas, não reage e apenas se queixa e se deixa levar pelas notícias, evitando proposições diretas e incisivas.

Parece que o governo deseja manter a estrutura recebida, mantendo secretarias, pessoal e programas que já vinham sendo executados. Contudo, os limites orçamentários legais estouraram e as queixas dos órgãos de fiscalização começam a surgir. O governo anuncia que em cem dias irá mostrar resultados e propostas, ou seja, três meses e meio depois de tomar posse. Esse timing parece estranho para quem venceu em outubro de 2018. Serão quase sete meses desde a vitória até a divulgação de projetos para o Amazonas.

Enfim, é hora de o governo reagir e propor medidas efetivas. O desemprego continua alto aqui; maior do que a média nacional, pelo perfil de nossa economia; a tal reforma administrativa é um mistério (quem será extinto?); a economia continua ao sabor da Zona Franca; a saúde, a segurança e a educação emperradas e o governo estourando os limites da LRF, entre outros impasses de menor quilate. Manter a estrutura atual, evitando inovar na resolução dos dilemas (demitir pessoas, enxugar órgãos, revisar contratos, rever folhas salariais, fazer concursos em determinadas áreas, por exemplo), deixa a impressão de que tudo está sendo levado como antigamente. Ser "novo" significa romper com esse estilo sinuoso, clientelista e irresponsável de lidar com as contas públicas, que tanto sucesso fez na história estadual. Ser "novo" pode significar ser impopular em algum momento (de preferência, no início, quando o capital político do eleito é maior) , mas sinalizando à população que ela terá benefícios mais adiante. Sem essa coragem propositiva, até mesmo "antipática", eu diria, teremos mais do mesmo, como se fala na linguagem cotidiana. É aguardar e torcer. Ainda há tempo.



Digitized by Google

## A NOVIDADE ESTÁ NA PRAIA

Publicado em 18 de março de 2019.

A novidade está na praia- Em 1986, os Paralamas do Sucesso lançaram, com muito sucesso, a música "A novidade", no álbum (o antigo LP) "Selvagem". Falam, entre outras coisas, que a novidade poderia ser um "sonho", mas poderia virar "um pesadelo". Tinha jeito de "sereia" e de uma "deusa maia". Enfim, a novidade seria uma incógnita, algo a ser descoberto.

Em tempos de novidade na política, certos temas reaparecem, outros desaparecem e o cenário se reorganiza. Assim como o país, o Amazonas precisa enfrentar seus demônios e superá-los. A crise persiste, renitente como só ela sabe ser. A inflação foi contida, mas o crescimento econômico não veio e o desemprego volta a crescer. O Brasil continua parado, esperando que chovam demandas chinesas por commodities ou que o agronegócio fique mais "pop" e continue sustentando nossa economia.

As questões morais continuam em voga. Dominam o cenário nacional. Os assuntos mais debatidos permanecem os vídeos eróticos do presidente, o moralismo inusitado da esquerda e o significado de termos sexuais. Nada, nem uma linha, sobre o desemprego que voltou a crescer. São milhões de brasileiros sem emprego, sem renda e sem esperança que continuam embalados pelo kit gay, pelas críticas à mídia (tanto de esquerda como de direita) e por um apelo constante à "resistência". Contudo, seja a "resistência" ou o moralismo nacionalista dominante, em uma coisa todos concordam: ninguém fala de desemprego,



Digitized by Google

desenvolvimento, indústria, agronegócio ou livre comércio. Os debates econômicos parecem estar censurados. No máximo, um genérico apelo aos "direitos trabalhistas" aparece de vez em quando. O superministro reage com a mítica afirmativa de que a "reforma da previdência fará o Brasil crescer 3% em 2019", sem explicar de onde tira tais cálculos.

A novidade, nacional ou estadual, precisa começar a falar sobre esses assuntos chatos, mas importantes, como economia, desemprego e tecnologia. Quatro anos passam rapidamente, caso passemos o ano discutindo religião, sexualidade ou carnaval.

Enfim, é hora de pensarmos em alternativas maiores. Seria bom falarmos em uma política industrial, impostos (as promessas de campanha de que eles baixariam sumiram?!), uma reforma que simplifique a arrecadação e a tributação, ou seja, é o momento de se pensar em saídas reais para esses problemas. A própria reforma da previdência precisa ser melhor detalhada. Seus efeitos reais devem ser explicados. Os cálculos sobre suas vantagens precisam ser explícitos e bem esmiuçados.

A relação desses temas maiores, incluindo outros, como meio ambiente, agronegócio, mineração, logística e infraestrutura, com o Amazonas e nossos impasses também deve ser prioridade na pauta política local. Visitar hospitais e falar de buracos é importante, sem dúvida. Porém, é hora de avançar nos debates e nas propostas. A novidade pode virar um pesadelo em poucos meses, se não achar respostas. Os brados de que tudo é "problema de gestão" têm um prazo de validade, assim como os iogurtes na geladeira.



Digitized by Google

Mais adiante, vamos trazer tais dilemas para nossa realidade. Ver o que se pode pensar para o “nosso quintal”, como diria Voltaire.



Digitized by Google

## A VIDA NO DESERTO

Publicado em 30 de abril de 2019.

Muitas vezes, se pensa que a vida pode transcorrer tranquilamente, sem incidentes. Especialmente na gestão pública, se crê que as medidas podem ser tomadas em um horizonte neutro, de papel em branco. Há dificuldades em se acreditar que a vida continua e que ninguém, seja novo ou velho, irá agir de forma impune, sem críticas.

Falo em um horizonte de acontecimentos porque a vida está continuando e em ritmo acelerado. É a consulta pública motivada pela OMC, que pode prejudicar o PIM, o decreto dos concentrados, que continua ativo, a discussão sobre a flexibilização dos PPBs, que não acontece, o CBA, esse eterno adormecido, enfim, são vários impasses que permanecem. E agora, no âmbito estadual, abriu-se a temporada dos debates salariais, com seu inevitável desdobramento, as negociações e greves. O governo mantém o discurso da austeridade em relação à LRF, dizendo que não pode dar aumentos, que "até gostaria", mas não pode etc... Algumas categorias recebem reposições, outras não, o que gera burburinho e desconforto para quem não recebe a remuneração pleiteada. Nisso tudo, as oposições crescem e se articulam. As denúncias surgem, se avolumam e ocupam espaço dos noticiários.

E há o espaço municipal. Manaus enfrenta inúmeros problemas: desde os infinitos buracos, que surgem diariamente, o trânsito caótico, o abandono urbano, o centro sucateado, até as supostas obras que supostamente irão melhorar a mobilidade urbana.



Digitized by Google

Contudo, o horizonte municipal é o das eleições para a prefeitura. Todos os atos, a favor ou contra, são direcionados para essa meta. Obras começam a surgir, de forma redentora, com recursos que antes não pareciam existir. Promessas, como o BRT ou a Cidade Inteligente, somem no ar, mostrando, como diria o velho Marx, que "tudo que é sólido se desmancha no ar".

Temos de pensar que a eleição de 2018 trouxe novidades. Novos grupos, novos arranjos e um cenário inovador na direção do país e do estado. Todavia, os desafios não pararam de acontecer. Quem achava que o "novo" poderia aprender a governar livremente, sem empecilhos, se enganou. O cenário macroeconômico continua ruim – desemprego, pessimismo, déficit público, reformas contestáveis, falta de investimentos etc. – e a vida segue, sem tempo para olharmos no VAR (tão em voga no esporte).

Finalizando, é tempo de pensar que a mudança e a instabilidade são o costumeiro na vida e não o incomum. Governar é enfrentar problemas. Aturar greves, protestos, buracos e denúncias é o rotineiro. Se isso paralisar os governantes, deixando-os atônitos, então a situação é grave. O Amazonas e Manaus estão atravessando um deserto. Se não houver coragem, inovação e competência, esse deserto irá ficar cada vez mais árido. Viver no deserto é duro, mas é preciso...



Digitized by Google

## O MUNDO, O AMAZONAS E O BRASIL

Publicado em 15 de maio de 2019.

A jornalista Miriam Leitão cruzou e o ministro Paulo Guedes entrou de cabeça: jogou o Amazonas e sua valiosa Zona Franca contra o Brasil "Amazonas x Brasil". A revolta de intelectuais, políticos, analistas, economistas e demais interessados foi enorme aqui, em Manaus.

## AMAZONAS X BRASIL

Grande parte dos comentários locais transformou a questão em um Fla x Flu decisivo. O Amazonas contra o Brasil. Foi assim que a maior parte dos analistas trabalhou essa fala do ministro. Este é um problema antigo. As isenções e subsídios da Zona Franca incomodam certos nichos empresariais, especialmente em São Paulo. Há uma tradicional queixa contra o PIM (Polo Industrial de Manaus), que é encabeçada por órgãos de imprensa, como a Folha de São Paulo que, de vez em quando, na falta de outras manchetes, retornam a esse tema.

O que me proponho a refletir é que esse problema geralmente é visto como um confronto: Amazonas x São Paulo; Amazonas x Brasil; PIM x FIESP etc. Penso ser mais do que a hora de nossas elites (intelectuais, empresariais, econômicas, entre outras) conceberem o tema por outro aspecto. Em vez de uma briga, penso ser hora de mostrar como o PIM se integra a um projeto de Brasil. É interessante ver como o PIM está inserido em um pacto federativo, no qual os diversos estados e regiões buscam seu espaço, com papéis definidos e complementares.



Digitized by Google

É relevante estudar de que maneira esses subsídios são essenciais para a Amazônia, ultrapassando os limites amazonenses. A questão dos impostos e da relação que possuem entre o estado e a União é vital também. Da mesma forma, a relação entre o PIM e o meio ambiente não pode se perder de vista. Porém, creio que não se pode apenas colocar esse assunto na forma de uma "chantagem ambientalista": "se acabar a Zona Franca, a floresta vai ser devastada", como vários comentaristas locais defenderam. O Amazonas, todavia, não pode virar um chantageador do Brasil. Isso seria perder o foco da discussão.

## A REALIDADE ECONÔMICA VIÁVEL É O PIM

É certo que temos de buscar alternativas econômicas. Contudo, a acomodação política e intelectual perdura há uns cinquenta anos. Não há indícios concretos de que iremos despertar agora, em curto prazo. Há tênues sinais de fumaça no horizonte, nada mais do que isso. Por isso, a realidade econômica viável é o PIM. Não podemos abandonar isso. Economia e desenvolvimento se fazem em escala. Somente o PIM, atualmente, pode gerar isso para nossa economia.

Enfim, é importante destacar que o Amazonas não é uma ilha. O PIM não é um pedaço de Marte. Ele está no Brasil, na Amazônia e na América Latina. Os debates precisam retomar essa inserção do Amazonas nas grandes correntes econômicas globais e nacionais. Chantagens ou ameaças não irão fazer efeito. Em termos numéricos, nossa bancada é pequena.



Digitized by Google

Não creio que outros estados da Amazônia venham morrer pelo nosso PIM. Esse tipo de confronto não fará bem ao PIM nem ao Brasil. É preciso mudar o paradigma dessa questão e a maneira de trabalhá-lo. Estamos inseridos na economia nacional, das mais diversas maneiras, sem falar na mundial. É hora de ampliar e aprofundar o debate. Sem brigas desnecessárias ou bravatas.



Digitized by Google

## MANAUS, UMA CIDADE A SER VISITADA?!

Publicado em 30 de maio de 2019.

Uma das coisas que mais impressiona em Manaus, hoje em dia, é a ausência de pessoas andando nas ruas. Excetuando-se poucos pontos, como as ruas comerciais de Alvorada, Parque Dez e São José, os bairros de Manaus são desertos e repletos de avenidas e becos vazios. Então é uma cidade a ser visitada!?

A crise econômica parece piorar esse cenário, pois a quantidade de casas com as placas de "vendo" ou "alugo" são enormes pelos bairros. Há ruas inteiras à venda. São milhares de pessoas que não mais residem nessas ruas e que estão fugindo de Manaus e de seus pontos centrais.

Essas reflexões surgem, quando se fala no turismo como propulsor de novos paradigmas de desenvolvimento. O que visitar em Manaus? Como atrair um turista? Certamente que o Teatro é uma bela opção. Porém, o turista não pode ficar dias rodando em torno dele apenas.

## O QUE FAZER EM MANAUS?

Visitar a Arena? Ver esse espaço inerte e sem destinação, que nem um restaurante ou uma lojinha de souvenirs possui? Visitar o Mercado Adolpho Lisboa? O mercado ficou muito bom, após restauração. Porém, o entorno é sujo, degradado e confuso. Totalmente inóspito ao turismo. Ver shows de boi ou danças indígenas, supostamente típicas, é um programa interessante, mas que precisa ser acompanhado de transporte, guias, restaurantes, tradutores e demais tipos


Digitized by Google

de serviços que teimamos em não oferecer.

Pensar isso é importante, pois toda hora de crise repete esse mesmo diagnóstico – que o turismo é uma opção. São duas coisas: preparar a estrutura turística e aprontar a cidade. Se Manaus não for modificada, continuará sem oferecer opções. Por exemplo, há vistas muito bonitas da ponte do rio Negro e do próprio rio no Santo Antônio. Contudo, não há um mirante, com lojinhas ou bares, que ofereça condições do turista ou do morador local apreciar tal paisagem calmamente. São opções de emprego e renda que podem viabilizar caminhos alternativos sérios aos moradores da capital.

Isso remonta a outra questão: a mobilidade urbana. As ameaças constantes de greves de motoristas de ônibus já se tornaram rotineiras. Os engarrafamentos e as paralisações se tornaram o horizonte do manauara. Antigos sonhos, como o BRT e o Monotrilho, já foram eliminados do imaginário local.

## TURISMO COMO ALTERNATIVA REAL

Pensar o turismo como uma alternativa real, ou mesmo melhorar a cidade para seus moradores, passa, inevitavelmente, por ampliar as condições de mobilidade urbana. Obras localizadas são ótimas. Porém, precisam estar inseridas em planos maiores e mais abrangentes, que reduzam a dependência crônica da população dos ônibus (aliás, cada vez mais velhos e deteriorados).



Digitized by Google

Finalizando, a chegada do tempo da política municipal pode ser excelente para esses e outros temas correlatos virem à tona. Não dá mais para se viver dos sucateados ônibus da capital como opção única de transporte. É a hora de se pensar em que tipo de cidade vivemos e aonde queremos que ela chegue. Tanto pelo turismo como pela qualidade de vida que desejamos para nós mesmos, moradores dela.



Digitized by Google

## O AMAZONAS E O INTERIOR

Publicado em 26 de junho de 2019.

Há alguns dias, fui convidado por amigos para passar um fim de semana em uma cidade do interior do Amazonas. Aproveitei e participei de uma festa em uma comunidade, por sinal, muito agradável.

## INSEGURANÇA PÚBLICA

Usei esse final de semana para conversar bastante com as pessoas locais, observar muito e reunir elementos para uma reflexão. Fiquei impressionado com as reações espontâneas sobre o problema da insegurança pública. Espontaneamente, as pessoas no hotel, nos restaurantes, bares e lanchas, entre outros locais, citavam casos de assaltos, mortes e violência. Reclamavam muito de invasões de casas, roubos de celulares e motos. Eu, ingenuamente, pensava que o desemprego seria o grande problema do município. Contudo, fiquei espantado por ver que a segurança era o problema mais na mente dos habitantes.

O que não quer dizer que o desemprego estivesse ausente das preocupações locais. Só o comércio local e a prefeitura ofereciam vagas. O nível salarial, pelo que falavam, chegava a ser menor do que o do salário mínimo. Da mesma forma, tive contatos com trabalhadores oriundos da agricultura. As mesmas reclamações sobre a falta de oportunidades e a carência de saídas econômicas. O mesmo notei com o setor do turismo. A cidade não apresentava atrativo algum que pudesse atrair massas de turistas. Eu não consegui achar uma lojinha que


Digitized by Google

tivesse um souvenir ou um artesanato típico. Uma pena, pois barcos de pescadores passavam ao largo da orla e não ficavam nem paravam na sede, evitando parar na cidade.

Ressaltando as honrosas exceções, creio que esse cenário pode ser espalhado para a maioria das cidades do interior amazonense. O setor primário fica encurralado, sem opções de escala, sem cadeias produtivas reais e amarrado a redes informais, dependente de ações localizadas dos governantes, para abertura de ramais ou distribuição de sementes.

## O TURISMO É A GRANDE ESPERANÇA!

O turismo é sempre a "grande esperança". Contudo, a realidade é que temos um fluxo, mesmo na capital, insignificante. No interior, pescadores e atletas evitam parar nas cidades. Chegam, entram em suas vans previamente alugadas, pegam os barcos, pescam ou correm, e depois voltam imediatamente aos seus locais de origem. E possuem suas razões, pois as cidades dificilmente têm atrativos que façam um turista descer de seu barco e ficar ali, comprando, comendo e bebendo, ou seja, gastando seu dinheiro nos municípios.

Isso tudo sem falar no desemprego, problema crônico de nosso interior. O projeto Zona Franca previa que os benefícios de Manaus se espalhassem para o interior. Todavia, isso nunca aconteceu. São dois universos paralelos, dignos do multiverso da Marvel, com o agravante que lá eles se tocam e podem interagir, o que, no Amazonas e no interior não acontece. Os salários são baixos, as opor-


Digitized by Google

tunidades inexistentes e o indivíduo acaba sem saídas para sua situação de vulnerabilidade. O que chego a refletir (e fico assustado), quando penso no fato da segurança ser o problema de maior evidência na mente dos habitantes, é que o desemprego no interior parece já estar sendo naturalizado, ou seja, banalizado e visto como "normal".

São reflexões soltas que apontam para os problemas nunca resolvidos do interior do Amazonas. O tempo político das eleições municipais se acelera e esses temas logo estarão em voga. As promessas de obras, de ramais, de distribuição de sementes, de construção de portos e de convênios estão voltando. Será que são o bastante? Parece que não...



Digitized by Google

## DUBAI É AQUI

Publicado em 17 de julho de 2019.

O Amazonas sofre com sua insegurança crônica. A Zona Franca é o suposto alvo de uma conspiração brasileira, liderada pelo maligno Paulo Guedes, que deseja acabar com suas isenções. De repente, no auge de tais ataques, surge o Plano Dubai. O Amazonas viraria um novo Dubai, com investimentos diversificados, que, até o ano de 2073, mudariam o cenário da economia local, superando os limites do polo industrial.

A elite política reagiu, criticando esse novo plano, essa utopia árabe em plena floresta. Muitos falaram que o governo deveria investir mais na Zona Franca em vez de achar substitutos. A Zona Franca mostrou assim que possui defensores abnegados. Sem nem saber o que seria o projeto oriental, já haveria oposições e críticos encardidos.

Agora, surge a notícia de que não há Plano Dubai. Voltamos ao ponto inicial. Só nos resta a velha e atacada Zona Franca. Depois, vem a notícia de que o presidente viria presidir a reunião do CAS (Conselho da Suframa). Ele traria boas notícias. Posteriormente, a viagem é adiada e, para melhorar, o "inimigo" da Zona Franca – Paulo Guedes – irá presidir o Conselho, que foi renomeado. As especulações continuam: o PIM vai acabar? O que o presidente irá anunciar? E o ministro liberal? O que vai fazer contra o Amazonas?



Digitized by Google

A pauta permanece a mesma, sem uma revisão de paradigmas. Admito já estar enjoado desse tipo de Fla x Flu. Grande parte da opinião pública e da elite amazonense montaram um jogo Amazonas x Brasil que possui ares de secessão. Quando as ameaças de ruptura falham, surge o argumento chantagista: se a Zona Franca acabar, a floresta vai ser devastada. Isso também tem um ar meio estranho. Um estado da federação ameaçando o país?! Não me parece muito "republicano", como diriam alguns.

Penso ser mais do que hora de vermos isso por outros ângulos. Em primeiro lugar, há itens da agenda local que podem ser desenvolvidos pela Suframa e que não necessitam de amplas costuras globais, tais como o futuro do distrito agropecuário, as mudanças no PPB, a diversificação dos polos do PIM e a adequação à indústria 4.0. Por outro lado, há temas mais complexos, que precisam de um entendimento maior, sendo que o maior deles é o pacto federativo. O Amazonas não é inimigo do Brasil e vice-versa. A ZFM tem de estar integrada ao Brasil. Ela não é um obstáculo. Tem de ser vista como um apoio ao desenvolvimento do país. E a floresta tem de ser vista como um patrimônio nacional, incluindo suas potencialidades na biodiversidade e para a mineração. Ela não pode ser um objeto de chantagem. É desvirtuar um debate mais amplo, que é o do uso racional e sustentável dos recursos da Amazônia.

Enfim, com ou sem Dubai, o debate, tanto em nível nacional como estadual, precisa crescer e se complexificar. Há muitos pontos em aberto e precisando de orientações mais precisas e profundas. Por ora, vamos deixar o Oriente e cuidar de nosso quintal, diria o sábio Voltaire.



Digitized by Google

## ALERTA! O SALÁRIO SUMIU!

Publicado em 7 de agosto de 2019.

Um dos maiores "pecados" do gestor público é atrasar salários. O funcionalismo move a economia nacional, nos seus mais variados espaços (federal, estadual e municipal). São dívidas contraídas, expectativas que se renovam, promessas que são feitas, contas que estão para vencer, enfim, pelas mais variadas razões, o salário é o oxigênio do trabalhador, seja público ou privado.

Na esteira de uma crise, que dura há uns quatro anos, e de um rombo anunciado desde fevereiro, o governo estadual não cumpriu uma tradição de décadas e deixou de pagar o adiantamento do décimo-terceiro em julho. Por lei, seu prazo é novembro. Sem problemas, nesse ponto. Contudo, o peso simbólico já ficou. Lembrando do velho Edmund Burke, nada como o peso de se romper com uma tradição para deixar todos ameaçados. A quebra desse costume antigo trouxe uma enxurrada de críticas e de suspeitas. Os próprios salários estão sob suspeita, pois há rumores de que em outubro o erário estadual se esgota. Depois, só Deus saberia...

Outros estados vivem momentos desse tipo. Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul passam por isso há uns três anos. Os salários do funcionalismo são pagos em parcela, às vezes, em duas etapas, e isso, caso haja dinheiro o bastante. Férias e décimo são objetos que estão na esfera do "desejo" apenas para os servidores desses estados.



Digitized by Google

O risco do Amazonas entrar nessa lista de devedores é imensa, pelos movimentos oficiais. O governador pede aos secretários que radicalizem nos cortes, a oposição faz seguidas denúncias e a população é inundada por boatos de todos os tipos, quando se fala em salário.

O certo é que o governo anterior jogou "cascas de banana", desde o fim de 2018, para ver se o "novo" escorregaria. Em sua mistura de deslumbramento e inexperiência, o "novo" chamou a bronca para si e escorregou em todas as cascas, até dando as próprias escorregadas por si mesmo. No fim de tudo, o que se viu foi essa quebra da tradição do adiantamento do décimo-terceiro e os salários ameaçados, a partir de outubro.

Os resultados políticos serão inevitáveis. E seus efeitos serão sentidos logo, na eleição municipal. Isso tudo sem falar na repercussão desse possível atraso-salarial na Assembleia Legislativa. O que a frágil e pouco atuante base do governo irá fazer?!

Enfim, é um momento importante na história política contemporânea do Amazonas. Mexer com salários é algo sério. Como se não bastasse, ainda há uma lei que imobiliza possíveis aumentos até que haja uma recuperação do tesouro estadual e uma redução dos gastos com pessoal. O funcionalismo ameaça uma greve, coisa impensável até pouco tempo atrás. É o "novo" experimentando a realidade da política concreta. O palanque acabou é hora de governar. Os gastos que não foram cortados antes, agora fazem falta. A oposição cresceu e a base mingou. Aonde irá esse cenário. Os próximos meses serão decisivos para o futuro deste governo e os rumos do estado.



Digitized by Google

## A AMAZÔNIA E SEUS DILEMAS

Publicado em 4 de setembro de 2019.

O mundo fala da Amazônia e seu desmatamento. Fotos da floresta em chamas inundam os jornais do globo. Nas redes sociais, aparecem fotos as mais diversas, retratando a suposta "verdade" sobre a Amazônia. Adversários políticos se xingam pela internet, trocam acusações e ofensas diariamente. Contudo, falta equilíbrio e reflexão. O ânimo dos debates está inflamado e interesses das mais variadas espécies se cruzam atualmente.

Alguns pontos precisam ser pensados. Em primeiro lugar, as queimadas e o desmatamento que tanto falam são essencialmente de Rondônia, estado que há anos investe no agronegócio e no desenvolvimento econômico. Isso reflete no sul do Amazonas. Locais como Apuí e Novo Aripuanã sofrem com esse avanço capitalista. No restante do estado, a situação é razoavelmente controlada. Outros estados, como Pará e Roraima, sofrem com dilemas diferentes, tais como o garimpo e os venezuelanos.

Arrisco a dizer que o maior problema daquela região não é ambiental, mas econômico. As opções do interior amazonense são reduzidas. A perspectiva que o agronegócio abre para essas comunidades é real. Não se pode desprezar o poder atrativo que os negócios abrem para essas cidades com pouco potencial de crescimento. No momento em que a proximidade com Rondônia e o com os estados do centro-oeste abre tal possibilidade, não podemos pensar essa questão na batida moralista do bem x mal. Por outro lado, o governo federal fica,



Digitized by Google

especialmente o presidente, preferindo acusar ONGs, fazendeiros e indígenas do que trabalhar e refletir sobre o modelo econômico da Amazônia. Pensar a questão ambiental amazônida é indissociável da questão econômica. Não dá para pensar uma sem tocar na outra. Quando o presidente e o ministro do meio ambiente se recusam a entrar diretamente nessas questões mais profundas, preferindo ficar no espaço do bate boca improdutivo pela internet, abrem o espaço para críticas de pessoas insólitas no ambientalismo brasileiro, como Madonna e Cristiano Ronaldo, ou das fotos mais improváveis, como aquelas que exibem girafas e falam ser das queimadas na Amazônia.

Enfim, penso ser necessário ver o tema de maneira mais prática e profunda. Trocar xingamentos pela internet é algo improdutivo e desnecessário.

Os países europeus ficam ameaçando cortar verbas, impondo punições, algo que só estimula o nacionalismo, coisa que o governo patrocina em larga medida. Aliás, essas verbas são uma caixa preta. Seria interessante que esses governos dissessem quais os projetos que seriam afetados, onde eles atuam e quantas pessoas serão atingidas. Seriam dados importantes nesse debate.

Pelo lado do governo federal, penso ser necessário que se passe do xingamento à ação. Se o presidente e o ministro querem mudar o modelo ambiental da Amazônia, é válido. Contudo, precisam criar projetos, leis e códigos novos. Devem levar ao Congresso tais projetos e dialogar com os partidos e com a sociedade. Caso tenham a maioria, que aprovem suas ideias.



Digitized by Google

O que não adianta é ficarem enviando insultos pela mídia aos adversários políticos. O país precisa de empregos, renda e também de um meio ambiente equilibrado. Trocas de ofensas, fotos demagógicas e xingamentos recíprocos não resolverão os problemas do Amazonas e do Brasil, em especial de suas comunidades interioranas necessitadas e vulnerabilizadas.



Digitized by Google

## PESQUISAS, ELEIÇÕES E PREFEITURA

Publicado em 18 de setembro de 2019.

As pesquisas eleitorais começam a pipocar. Melhor ainda que elas já formam séries e podemos ver movimentos históricos concretos. Um dos dados mais recentes é a diminuição das expectativas em relação ao "novo". Há um crescimento consistente da valorização da experiência na gestão pública. É o momento em que figurinhas carimbadas da política local ressurgem nas pesquisas. Nomes que eram considerados "aposentados", agora aparecem como "vivos" e atuantes.

É bom refletir um pouco: houve uma "onda" em 2018 que trouxe ao primeiro plano da política pessoas sem passado, sem ideias ou projetos. Pelo contrário, isso era algo positivo. Quanto menos passado ou projetos tivesse, melhor. Foi um fenômeno nacional que o Amazonas refletiu com muita propriedade. Passada essa ressaca da novidade, o eleitor está ajustando o foco. Muitas coisas não podem ser mudadas do dia para a noite. A gestão pública possui regras e prazos muito peculiares. O risco do gestor ser considerado "criminoso" ou "corrupto" é muito grande, caso erre em detalhes processuais, que o homem comum poderia considerar irrelevantes, mas que fazem todo o sentido na administração pública. Por outro lado, há setores que expressam um cansaço com tais políticos "carimbados", através da rejeição enorme que eles possuem. As denúncias de corrupção, os erros seguidos através do tempo e uma certa fadiga do eleitorado com práticas antigas de gestão acabam pesando e atraindo rejeições neste momento.



Digitized by Google

Também é válido notar que certos nomes se firmaram. Há parcelas do eleitorado que já apontam para uma cristalização de ideias e percepções. Há tendências que mostram haver um encaminhamento na mente de segmentos. O eleitor se guia por interesses concretos, visões de mundo e histórias que são construídas pela sociedade e atravessam a população nas mais variadas direções. São vetores de opiniões que se cruzam nas direções mais variadas – violência urbana, saúde com problemas, merenda escolar, preservar o meio ambiente, valorizar a cultura popular etc. Às vezes, o mesmo eleitor compartilha diferentes opiniões. Sobre meio ambiente pensa de uma forma, mas pode ter ideias cristalizadas sobre violência e educação. Há camadas de opiniões na mente do eleitor que se entrecruzam e oscilam, conforme os fatos vão se desenrolando.

Estamos vendo demissões de secretários que eram potenciais candidatos, assistindo parlamentares fazerem discursos direcionados aos segmentos mais específicos da população e as redes sociais fervilharem de "campanhas disfarçadas", com políticos aparecendo em bairros, eventos e reuniões, sempre mostrando que são potenciais candidatos à prefeitura.

Enfim, a campanha está se lançando. Essa pré-campanha, cujas pesquisas são parte inevitável – tanto como análise e como parte integrante do processo – começa a tomar forma. É ver até que ponto os "antigos" irão realmente se lançar candidatos e até aonde vão os "novos" nomes, que, aliás, podem nem ser tão novos. É pensar que o próprio conceito de "novo" precisa ser relativizado. Há novidades que não são tão novas, que já existem há alguns anos. O eleitor começa a perceber esses movimentos e usar seus filtros. É aguardar e conferir que rumos a luta pela prefeitura começa a adquirir.



Digitized by Google

## LEITURAS SUGESTIVAS

Publicado em 07 de novembro de 2019.

Em recente viagem, adquiri um livro muito interessante: "Os robôs e o futuro do emprego", de Martin Ford. Sou muito atraído pelo tema das tendências econômicas globais, tentando ficar ligado no que se discute sobre isso. Na mesma linha, também li "A quarta revolução industrial", de Klaus Schwab, e "Superinteligência", de Nick Bostrom. São obras que procuram identificar os rumos que a humanidade está tomando, para além de regimes políticos ou singularidades culturais, reconhecendo megatendências globais.

Em viagens recentes pelo Brasil, sem falar do exterior, também reparo como, cada vez mais, os empregos estão sumindo. Supermercados sem caixas ou embaladores já é um realidade no sul/sudeste. Agora, começaram as lanchonetes e restaurantes sem atendentes ou garçons. Apenas totens eletrônicos, como aqueles para pagamento de estacionamento em shoppings, e uma cozinha de onde saem os pratos e um entregador apenas para dar o prato na mão do cliente. Ir a restaurantes ou lanchonetes com atendentes anotando pedidos, conversando, sendo simpáticos e atraentes, está virando artigo de luxo. Quem quiser um local assim terá de pagar e caro pelo "luxo" de ser atendido por um ser humano. Aí é que entra o tema da superinteligência, da Inteligência artificial. Cada vez mais, os pesquisadores buscam criar seres artificiais com raciocínio, sensibilidade e criatividade similar ou superior à humana. Os simples totens serão substituídos, em futuro próximo, por seres que poderão responder, atender, brincar e responder como qualquer sommelier bem preparado e atencioso.



Digitized by Google

O mito de que as atividades criativas continuarão sendo exclusividade dos humanos está sendo derrubado. É nisso que se insere o debate sobre a quarta revolução industrial. As fábricas já estão informatizadas na sua quase totalidade. A fuga dos empregos para a área dos serviços, tema de abordagens clássicas, como a de Jeremy Rifkin, em "O fim dos empregos", está sendo derretido impiedosamente.

Tudo isso para falar que o Amazonas, cuja economia é totalmente dependente do PIM, precisa ficar alerta. A produtividade e a arrecadação do PIM não podem ser os únicos critérios para se avaliar o desenvolvimento regional. Há dois temas que precisam de uma atenção especial neste momento: a adaptação do PIM à Indústria 4.0, a fim de que não fiquemos obsoletos cientificamente, vendo a Zona Franca morrer de causas naturais, e o destino dos empregos. Se a indústria cada vez mais gerará menos empregos, onde os amazonenses irão trabalhar? A área dos serviços não é mais a solução. E qual seria essa resposta?! São temas que as elites locais – políticas, econômicas, intelectuais etc – precisam ficar atentas. São questões que não são mais para o futuro. Elas já são o presente. E um presente assustador, caso não tenhamos noção disso.



Digitized by Google

## ÍNDICES, RESULTADOS E FUTURO

Publicado em 10 de dezembro de 2019.

No final de novembro, saíram os números do exame mundial Pisa, de educação. O Brasil continua seu ritmo de queda, sem vacilar. Desde 2009, continuamos caindo nesse exame. Nossos resultados em leitura, capacidade de realizar operações matemáticas e habilidade em ciências é sofrível. Conseguimos, agora, chegar ao ponto de sermos o pior país da América do Sul. E, para piorar, em nosso caso, a região norte ficou com índices abaixo da média nacional, que já foi péssima.

Isto nos leva a outra indagação: quais os resultados que a propaganda maciça sobre a educação estadual e municipal está obtendo?! É comum a mídia local destacar como Manaus e o Amazonas estão subindo nos índices nacionais, "melhorando", se "superando" etc. Contudo, creio ser hora de repensarmos tudo. De que adianta termos índices maravilhosos, se, na hora da comparação com outros países, ficamos na Lanterninha?!

Penso no exemplo do futebol brasileiro deste ano. Estávamos acomodados com os treinadores de sempre (Mano, Abel, Felipão, Cuca etc). Pouco vencemos em termos internacionais, mas sempre falávamos que nosso "futebol é o melhor", que "ninguém supera o futebol brasileiro" etc. Foi só chegarem dois técnicos internacionais – Jorge Jesus e San Paoli – que tudo mudou. A incompetência e a preguiça nacional ficaram escancaradas. Sem serem geniais ou de primeira linha – como Guardiola ou Klopp – mostraram aos brasileiros o que é o futebol mundial e como se joga na Europa.



Digitized by Google

Esses exames internacionais têm essa vantagem. Mostram o que realmente andamos fazendo com nossa educação. Escancaram nossos limites, exibindo como os índices propagados na mídia local são infrutíferos. É hora de compreendermos que índices não são resultados. A vida cotidiana da capital e do estado não é agradável. A violência, a miséria e a desorganização andam soltas no Amazonas e em Manaus, sem falar nas cidades do interior. As piores cidades do Brasil, em IDH, estão aqui. Nossos números de desemprego são maiores do que os nacionais, devido aos limites de nosso modelo econômico. Muito se fala em alternativas, mas pouco se faz, de concreto.

Enfim, que esses números da educação, assim como no futebol, sirvam para que o estado e os municípios progridam. Não podem servir para desestimular os esforços já efetuados. Porém, é mais do que hora de revisarmos procedimentos, metas e comportamentos. O que está dando errado? Por que nossos jovens não conseguem compreender um texto ou realizar uma simples operação matemática? Se o Amazonas quer realmente se desenvolver, esta barreira precisa ser superada. E não será apenas com índices que isso melhorará, mas com resultados.



Digitized by Google

## BOAS FESTAS?!

Publicado em 26 de dezembro de 2019.

O ano de 2019 está finalizando. Sem querer imitar aquelas inevitáveis retrospectivas das emissoras de TV, penso ser relevante refletirmos um pouco sobre o ano que acaba e aquele que irá iniciar, focando alguns aspectos da realidade local.

O ano de 2019, no Amazonas, ficou marcado, na política e economia, pela adaptação de um governo novo e inexperiente aos mistérios da rotina administrativa. Em alguns aspectos, ele foi vacilante e demorou a engrenar. Sofreu com acusações, saídas de secretários e promessas não cumpridas. A educação sofreu com queixas sobre contratos estranhos e a troca de um dos secretários mais badalados, após inúmeras denúncias. Porém, o maior peso está na área da saúde. Depois de onze meses de discussão, ainda não há consensos nesse setor. Uns dizem que a dívida é x, outros, que é y. O governo diz que pagou. Os fornecedores dizem que não receberam. Os contratantes falam que repassaram todos os valores. Os servidores e terceirizados afirmam não ter recebido valor algum. Enfim, é preciso termos alguns pontos que sejam universalmente objetivos, ou seja, quanto se deve, se deve a quem, quem recebeu, quem não recebeu etc.

A oposição estadual faz críticas exageradas, creio. Reclama de gastos supérfluos e que o orçamento da saúde deveria dobrar. Entretanto, não é assim que funciona a burocracia. Há verbas que já vêm "carimbadas", outras são destinadas a áreas específicas, assim por diante. O governo, como um todo, não pode


Digitized by Google

parar. O orçamento da saúde é gigantesco, são quase 3 bilhões de reais que a SUSAM terá à disposição em 2020. É uma área problemática a saúde. Quem sofre um acidente quer ser atendido logo e não admite esperar. Imaginem os casos mais graves, como as cirurgias e cardiopatias?! Penso que, acima da de tudo, pela delicadeza do tema, é hora do governo ser transparente. Essa "famosa" dívida precisa ser detalhada e esmiuçada. OS repasses devem ser explicitados. É preciso saber quem recebeu e quem ainda não foi agraciado e quanto se deve em cada caso. Na campanha, o governador, enquanto era candidato, dizia que tudo "era problema de gestão". Sempre que indagavam algo dele, sua resposta era inevitavelmente essa. Agora, é mais do que hora, e orçamento existe, dele mostrar que resolveu os problemas de gestão, com transparência e impessoalidade, acabando com essa boataria que só faz mal ao governo, a ele pessoalmente e á população, que fica sem saber o real estado das finanças estaduais.

Outro tema que precisa ser pensado, entre tantos outros, para 2020 é aquele das alternativas econômicas. O orçamento estadual cresceu. Serão 18.9 bilhões no ano que vem que o governo terá á disposição. Sem falar na arrecadação que vem crescendo mensalmente. O que fazer para aproveitar essa "janela de oportunidade" que parece estar se abrindo? Como tornar esse orçamento produtivo e fazer dele uma alavanca para o crescimento? Que áreas priorizar? Infraestrutura, setor primário, logística, energia, serviços...qual delas o governo pode auxiliar? E aqui "auxiliar" não significa algum tipo de ação assistencialista ou paternalista, mas pensar em projetos que gerem resultados e fiquem por um longo tempo, que produzam empregos e renda, que mudem a realidade da capital e do interior, principalmente. Diversificar nossa matriz econômica é difícil.


Digitized by Google

Porém, é imperativo que isso seja feito. Promessas nesse sentido se arrastam há anos e pelos mandatos dos mais diferentes governadores. Como já repetimos várias vezes, a Zona Franca é essencial, mas não pode ser vista como a única fonte de renda do estado. E o quanto antes se pensarem e trabalharem alternativas, mais opções todos nós teremos.

Boas festas e um feliz 2020. Em outra ocasião, começaremos a debater o município de Manaus, afinal, as eleições municipais se aproximam...



Digitized by Google

## COMPLICAÇÕES EM SÉRIE

Publicado em 31 de janeiro de 2020.

Fechamos o ano de 2019, fazendo um pequeno balanço das trapalhadas do governo estadual na saúde, incluindo a boataria sobre pagamentos e as constantes dúvidas sobre fornecedores e contratos. Afirmei que entraria o ano de 2020 falando sobre os dilemas municipais, afinal, é um ano eleitoral para os municípios e nada mais justo do que apontar quais seriam os principais temas desse pleito.

Porém, a realidade se impõe com força, fazendo com que certos planos tenham de ser revistos. Falo do aumento de até 400% que o governador deu ao segundo e terceiro escalões, usando da lei delegada de 2019, que criou a reforma administrativa.

Há ações políticas que possuem um efeito simbólico maior do que as consequências práticas e financeiras. Nem vou entrar na discussão se a reforma trouxe, ou não, resultados positivos financeiros. A economia, assumida pelos gestores, foi de cerca de 5 milhões anuais. O custo estimado pelos aumentos teria sido de cerca de 1.8 milhão mensal. Enfim, é uma conta que não bate. Porém, creio ter havido um estrago simbólico que supera qualquer contabilidade confusa. Em um momento no qual os salários dos servidores estão congelados e diversas categorias estão com suas promoções barradas e o pessoal da saúde reclama de falta de pagamento, sem falar na questionável contratação direta dos terceirizados, efetuar tal reajuste soou como um tapa na sociedade.



Digitized by Google

Os argumentos sobre a disparidade salarial nos escalões governamentais são interessantes. Os secretários executivos e adjuntos possuem muitas responsabilidades e respondem como ordenadores ao TCE e aos outros órgãos de controle. Certamente, que algo deveria ser feito para sanar tal distorção, aliás, criada por outro governante, em outro mandato.

Todavia, a forma grosseira como foi feita, com índices variados, em um momento de contenção, quando o governo diz que tudo pode afetar a responsabilidade fiscal, foi o pior possível. Em um cenário no qual a oposição já tem um pedido pronto de impedimento, o governo se fragilizou demais. Tal fragilidade ficou exposta quando a própria Assembleia emitiu nota dizendo não ter sido essa a finalidade para a qual a lei delegada foi feita. O governador ficou exposto, a revolta popular foi imensa, o aumento intempestivo foi exibido em rede nacional e as instituições o abandonaram.

O abalo foi feito. A fratura está exposta. Os ataques da oposição continuarão. O fato de o governo ter revisto o aumento e o anulado demonstrou fraqueza e inconstância. Parece que não tinha sustentação para manter a atitude. A base aliada o pressionou a rever o ato, temerosa das consequências eleitorais e da pressão da opinião pública. Enfim, um desastre total.

O que virá é difícil saber. Contudo, é certo que foi um disparo no pé fulminante. Pegou pé, perna, coxa e quadril. Como o governo vai agir daqui para frente? Como realinhar a base? Como o povo reagirá? E os órgãos de controle? E a mídia nacional? E o impedimento? Como enfrentar um longo ano político e administrativo após tamanha pancada? A única certeza é que será um ano duro, muito duro, para o governador...


Digitized by Google

## AGENDA URBANA

Publicado em 06 de fevereiro de 2020.

Ano de eleição municipal sempre atrai a atenção para os problemas urbanos. O foco dos analistas e da população, em geral, acaba recaindo sobre a cidade, seus dilemas e necessidades. Não poderia eu fazer diferente. Começarei o ano refletindo sobre Manaus e suas demandas.

Em primeiro lugar, é bom refletir que a Manaus das cadeiras nas calçadas e do bate papo descontraído nas portas acabou. Ficar insistindo, como alguns fazem, que esse tempo será retomado é irreal. A modernidade acabou com esse tempo. Uma cidade com quase três milhões de habitantes, com o terceiro polo industrial do país e uma arrecadação de nível dos bilhões, não tem mais espaço para isso. Os problemas das grandes metrópoles chegaram a Manaus há vários anos. Entre eles, posso citar a mobilidade urbana, a violência, o saneamento e o desemprego. São questões que afligem todas as grandes cidades mundiais e que, inevitavelmente, acabaram por nos atingir.

Neste momento, penso ser interessante falar da mobilidade. Há uns sete anos que o BRT virou centro das especulações políticas, inclusive sendo o centro de eleições e reeleições locais, apesar de nunca ter sido executado. Na linha das promessas não realizadas, já tivemos o monotrilho, o metrô de superfície, a navegação de cabotagem e o uso dos igarapés no Nova Veneza também como opções sugeridas em outros pleitos. A realidade é que há um monopólio, na prática, do sistema de ônibus. Outros modais, tais como o táxi de motocicleta ou as



Digitized by Google

empresas de aplicativos, são pontuais e pouco impactam no sistema em geral. O povo trabalhador, que mora, em sua maioria nas zonas leste e norte, precisa mesmo é de transportes de massa. Precisa chegar cedo ao trabalho e, muitas vezes, volta altas horas da noite para casa. Isso, quando não vai para a faculdade noturna, chegando quase de madrugada em casa, para, no dia seguinte, repetir todo o ciclo. Transportes rápidos, baratos e intermitentes são uma necessidade urgente.

Em Manaus, o ônibus é o pesadelo do cidadão. Demoram a chegar, quando chegam, quebram constantemente, pegam fogo, são inseguros e a frota é reduzida. Sem falar dos percursos que são irregulares e atingem os bairros de maneira desigual. O sistema dos terminais não funciona a contento, sem falar que são sujos, desorganizados e inseguros. As experiências malsucedidas, como o Expresso, deixaram marcas negativas no imaginário popular. E isso sem tocar na questão das paradas do lado esquerdo, que se alternam com as do lado direito, atrapalhando projetos como o Faixa Azul, que precisam de avenidas uniformes e regulares.

Certamente, que esse problema aparecerá ao longo dos debates. Projetos, como o BRT, serão cobrados. Algumas utopias, como o metrô de superfície, serão ventiladas. Porém, acima de tudo, é pensar que algo precisa ser feito, planejado e executado. Sem arroubos futurísticos, como o monotrilho, com estudos transparentes e realistas de execução e de viabilidade econômica, é mais do que hora de os governantes priorizarem a população que trabalha, estuda e busca o lazer através do transporte coletivo público. Seja pela melhoria do sistema de ônibus, ou pela criação de outro modal com igual alcance, é a hora exata de se considerar seriamente este impasse.


Digitized by Google

Série

# Artigos

Gilson Gil

Digitized by Google